

AFFONSO ARINOS

285330

P

PELO SERTÃO

Historias e paisagens

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C.—Rua do Ouvidor, 66

Casas filiaes em S. PAULO e RECIFE

1898

(Arinos.)

NQW
Digitized by Google



PELO SERTÃO

HISTORIAS E PAIZAGENS

Companhia Typographica do Brazil — Rua dos Invalidos, 93

AFFONSO ARINOS

Pelo Sertão

*

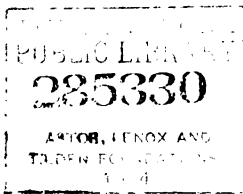
HISTORIAS E PAIZAGENS



RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C. — Rua do Ouvidor, 66
Casas filiaes em S. PAULO e RECIFE

1898

E. E. P.



NOV 21 1914

O livro que ora se apresenta ao publico devia ter sido publicado ha cerca de tres annos. O leitor descobrirá nelle falta de unidade, quer na maneira ou na execução, quer no estylo propriamente.

A razão disto é que os contos foram escriptos em épocas diversas, num periodo que medeia entre os 19 e os 26 annos. Os primeiros datam de 1888 e 1889; os ultimos, de 1895.

Vão estas palavras á guisa de méra explicação preliminar para orientar o critico no julgamento da obra. Não fazemos prologo, porque cremos no que disse o velho escriptor portuguez:

«São os prologos antecipado remedio aos achaques dos livros, porque andam sempre de companhia os erros e as desculpas.»

DUP. EXCH 1 FEB 1904

BRAZIL-BIBL. NAC.

ANDY WAIN
JULIAN
WAGG

INDICE

| | PAGS. |
|--|--------------|
| Assombramento | 1 |
| A Cadeirinha. | 47 |
| Burity Perdido. | 59 |
| A Esteireira | 65 |
| Manuel Lucio | 83 |
| Paizagem Alpestre. | 97 |
| Desamparados. | 107 |
| A Velhinha. | 113 |
| A Fuga. | 123 |
| O Contractador dos Diamantes | 135 |
| Joaquim Mironga | 157 |
| Pedro Barqueiro. | 181 |

ASSOMBRAMENTO

HISTORIA DO SERTÃO





BEIRA do caminho das tropas, num
taboleiro grande, onde cresciam
a canella d'ema e o páu santo,
havia uma tapéra. A velha casa assobra-
dada, com grande escadaria de pedra le-
vando ao alpendre, não parecia desampa-
rada. O viandante a avistava de longe com
a capella ao lado e a cruz de pedra lavrada,
ennegrecida, de braços abertos, em prece
constricta para o céu. Naquelle escampado
onde não ria ao sol o verde escuro das
mattas, a côr embaçada da casa suavisava
mais ainda o verde esmaiado dos campos.

E quem não fosse vaqueano naquelles
sitios iria, sem duvida, estacar deante da
grande porteira escancarada, inquirindo
qual o motivo por que a gente da fazenda

era tão esquiva que nem ao menos apparecia á janella quando a cabeçada da madrinha da tropa, carrilhonando á frente dos lotes, guiava os cargueiros pelo caminho afóra.

Entestando com a estrada, o largo rancho de telha, com grandes esteios de aroeira e moirões cheios de argollas de ferro, abria-se ainda distante da casa convidando o viandante a abrigar-se nelle. No chão havia ainda uma trempe de pedras com vestigios de fogo e, d'aqui e d'acolá, no terreno acamado e liso, espojadouros de animaes vagabundos.

Muitas vezes, os cargueiros das tropas, ao darem com o rancho, trotavam para lá, esperançados de pouso, bufando, atropelando-se, batendo uns contra os outros as cobertas de couro crú ; entravam pelo rancho a dentro, apinhavam-se, giravam impacientes á espera da descarga, até que os tocadores a pé, com as longas toalhas de crivo enfiadas no pescoço, falavam a mulada, obrigando-a a ganhar o caminho.

Porque seria que os tropeiros, ainda em risco de forçarem as marchas e aguarem

a tropa, não pousavam ahi? Elles bem sabiam que, á noite, teriam de despertar, quando as almas perdidas, em penitencia, cantassem com voz fanhosa a encomendação. Mas o cuyabano Manuel Alves, arriheiro atrevido, não estava por essas abusões, e quiz tirar a scisma da casa mal assombrada.

Montado em sua mula queimada frontaberta, levando adestro seu macho crioulo por nome « *Fidalgo* », — dizia elle que tinha corrido todo este mundão, sem topar cousa alguma, em dias de sua vida, que lhe fizesse o coração bater apressado, de medo. Havia de dormir sózinho na tapéra e ver até aonde chegavam os receios do povo.

Dito e feito.

Passando por ahi de uma vez, com sua tropa, mandou descarregar no rancho com ar decidido. E emquanto a camaradagem, meio obtusa com aquella resolução inesperada, saltava das sellas, ao guizalhar das rosetas no ferro batido das esporas; e os tocadores, acudindo de cá e de lá, iam amarrando nas estacas os burros, divididos em lotes de dez, Manuel Alves,

o primeiro em desmontar, quedava-se de pé, recostado a um moirão de braúna, chapéo na corôa da cabeça, cenho carregado, faca núa aparelhada de prata, cortando vagarosamente fumo para o cigarro.

Os tropeiros, em vai-vem, empilhavam as cargas, resfolegando ao peso. Contra o costume, não proferiam uma jura, uma exclamação; só, ás vezes, uma palmada forte na anca de algum macho teimoso. No mais, o serviço ia-se fazendo e o Manuel Alves continuava quieto.

As sobrecargas e os arrochos, os buçaes, a penca de ferraduras, espalhados aos montes; o surrão da ferramenta aberto e para fóra o martello, o puxavante e a bigorna; os embornaes dependurados; as bruacas abertas e o trem de cozinha em cima de um couro; a fila de cangalhas de suadouro para o ar, á beira do rancho —denunciaram ao arrieiro que a descarga fóra feita com a ordem do costume, mostrando tambem que á rapaziada não repugnava acompanhal-o na aventura.

Então, o arrieiro percorreu a tropa, correndo o lombo dos animaes para examinar as pisaduras; mandou atalhar á sovela

algumas cangalhas, assistiu á raspagem da mulada e mandou, por fim, encostar a tropa acolá, fóra da beira do capão, onde costumam crescer as hervas venenosas.

Dos camaradas o Venancio lhe fóra malungo de sempre. Conheciam-se a fundo, os dous tropeiros, desde o tempo em que puzeram o pé na estrada pela primeira vez, na éra da fumaça, em trinta e tres. Davam de lingua ás vezes, nos serões do pouso, um pedaço de tempo, enquanto os outros tropeiros, sentados nos fardos ou estendidos sobre os couros, faziam chorar a tyranna com a toada doida de uma cantilena saudosa.

Venancio queria puxar a conversa para as cousas da tapéra, pois viu logo que o Manuel Alves, ficando ahi, tramava alguma das delle.

— O macho lionanco está meio sentido da viagem, sô Manuel.

— Nem por isso. Aquelle é couro n'agua. Não é com duas distancias desta que elle afrouxa.

— Pois olhe : não dou muito para elle urrar na subida do morro.

— Este ? não fale !

— Inda malhando nesses carrascos cheios de pedra, então é que elle se entrega de todo.

— Ora!

— Vossemecê bem sabe: por aqui não ha boa pastaria; accresce mais que a tropa deve andar amilhada. Nem pasto, nem milho na redondeza desta tapéra. Tudo que sahirmos d'aqui, topamos logo um catingal verde. Este pouso não presta; a tropa amanhece desbarrigada, que é um Deus-nos-acuda.

— Deixe de poetagens, Venancio! Eu sei cá.

— Vossemecê póde saber, eu não duvido; mas na hora da cousa feia, quando a tropa pegar arriar a carga pela estrada, é um vira-tem-mão, e, — Venancio p'r'aqui, Venancio p'r'acolá.

Manuel deu um muchocho. Em seguida, levantou-se de um surrão onde estivera assentado durante a conversa e chegou á beira do rancho, olhando para fóra. Cantarolou umas trovas e, voltando-se de repente para o Venancio, disse:

— Vou dormir na tapéra. Sempre quero ver se a bocca do povo fala verdade uma vez.

— Hum, hum ! está ahi ! Eia, eia, eia !

— Não temos eia, nem peia ! Puxe para fóra minha rêde.

— Já vou, patrão. Não precisa falar duas vezes.

E d'ahi a pouco, veio com a rêde cuyabana bem tecida, bem rematada por longas franjas pendentes.

— Que é que vossemecê determina agora ?

— Vá lá á tapéra emquanto é dia e arme a rêde na sala da frente. Emquanto isso, aqui tambem se vai cuidando no jantar.

O caldeirão preso á rabicha grugrulhava ao fogo ; a carne secca chiava no espeto e a camaradagem, rondando á beira do fogo, lançava ás vasilhas olhares avidos e cheios de angustias, na anciosa expectativa do jantar. Um, de passagem, atiçava o fogo, outro carregava o ancorote cheio d'agua fresca ; qual corria a lavar os pratos de estanho, qual indagava pressuroso se era preciso mais lenha.

Houve um momento em que o cozinheiro, atucanado com tamanha officiosidade, arremangou aos parceiros, dizendo-lhes :

— Arre ! tem tempo, gente ! Parece que vocês nunca viram feijão. Cuidem de seu

que fazer, se não querem sahir d'aqui a poder de tição de fogo!

Os camaradas se afastaram, não querendo turrar com o cozinheiro em momento assim melindroso.

Pouco depois, chegava o Venancio, ainda a tempo de servir o jantar ao Manuel Alves.

Os tropeiros formavam roda, agachados, com os pratos em cima dos joelhos e comiam valentemente.

— Então ? perguntou Manuel Alves ao seu malungo.

— Nada, nada, nada ! Aquillo por lá, nem signal de gente.

— Uuai ! é esturdio !

— E vossemecê pousa lá mesmo ?

— Querendo Deus, sózinho, com a franqueira e a garrucha, que nunca me atraçoaram.

— Sua alma, sua palma, meu patrão. Mas... é o diabo !

— Ora ! pelo buraco da fechadura não entra gente, estando bem fechadas as portas. A resto, se fôr gente viva, antes della me jantar eu hei de fazer por almoço-a. Venancio, defunto não levanta da cóva. Você ha de saber amanhã.

— Su'alma, sua palma, eu já disse, meu patrão; mas, olhe, eu já estou velho, tenho visto muita cousa e, com ajuda de Deus, tenho escapado de algumas. Agora, o que eu nunca quiz foi saber de negocio com sombração. Isso de cousa do outro mundo, p'r'aqui mais p'r'alli — terminou o Venancio, sublinhando a ultima phrase com um gesto de quem se benze.

Manuel Alves riu-se, e, sentando-se numa albarda estendida, catou uns gravetos do chão e começou a riscar a terra, fazendo cruzinhas, traçando arabescos... A camaradagem, reconfortada com o jantar abundante, tagarellava e ria, bulindo de vez em quando no guampo de cachaça. Um delles ensaiava um rasgado na viola; e outro — namorado talvez — encostado ao esteio do rancho, olhava para longe, encarando a barra do céu de um vermelho enfumado e falando baixinho, co'a voz trememente, á sua amada distante...

II

Ennoitára-se o escampado, e com elle o rancho e a tapéra. O rolo de cêra, ha

pouco acceso e pregado ao pé-direito do rancho, fazia uma luz fumarenta. Embaixo da tripeça, o fogo estalava ainda. De longe vinham ahi morrer as vozes do sapo-cachorro, que latia, lá, num brejo afastado, sobre o qual os vagalumes teciam uma trama de luz vacillante. De cá se ouvia o resfolegar da mulada, pastando espalhada pelo campo. E o sincerro da madrinha, badalando compassadamente aos movimentos do animal, sonorizava aquella grande extensão erma.

As estrellas, em divina faceirice, furtavam o brilho ás miradas dos tropeiros, que, tomados de languor, banzavam, estirados nas caronas, apoiadas as cabeças nos serigotes, com o rosto voltado para o céo.

Um dos tocadores, rapagão do Ceará, pegou a tirar uma cantiga. E pouco a pouco, todos aquelles homens errantes, filhos dos pontos mais afastados desta grande patria, suffocados pelas mesmas saudades, unificados no mesmo sentimento de amor á independencia, irmanados nas alegrias e nas dôres da vida em commum, responderam em côro, cantando o estribilho. A principio, timidamente, as vozes

meio veladas deixaram entreouvir os suspiros; mas, animando-se, animando-se, a solidão foi se enchendo de melodia, foi se povoando de sons dessa musica espontanea e simples, tão barbara e tão livre de regras, onde a alma sertaneja soluça ou geme, campeia victoriosa ou ruge traiçoera — irmã gemea das vozes das fêras, dos roncoss da cachoeira, do murmulho suave do arroio, do gorgoeio delicado das aves e do tetrico fragor das tormentas. O idyllio ou a luta, o romance ou a tragedia viveram no relevo extraordinario desses versos mutilados, dessa linguagem bruttesca da tropeirada.

E, enquanto um delles, rufando um sapateado, gracejava com os companheiros, lembrando os perigos da noite nesse ermo — consistorio das almas penadas — outro, o Joaquim Pampa, lá das bandas do sul, interrompendo a narração de suas proezas na campanha, quando corria á cola da bagualada, girando as bolas no punho erguido, fez calar os ultimos parceiros que ainda acompanhavam nas cantilenas o cearense peitudo, gritando-lhes :

—Ché, povo! Tá chegando a hora!

O ultimo estribilho :

Deixa estar o jacaré :

A lagôa ha de seccar!

expirou maguado na bocca daquelles poucos, amantes resignados, que esperavam um tempo mais feliz, onde os corações duros das morenas ingratas amollescessem para seus namorados feis:

Deixa estar o jacaré :

A lagôa ha de seccar!

O tropeiro apaixonado, rapazinho esguio, de olhos pretos e fundos, que contemplava absorto a barra do céu ao cahir da tarde, estava entre estes; e quando emmudeceu a voz dos companheiros ao lado, elle concluiu a quadra com estas palavras, ditas em tom de fé profunda, como se evocasse maguas longo tempo padecidas:

Rio Preto ha de dar váu

Té p'ra cachorro passar!

— Tá chegando a hora!

— Hora de que, Joaquim?

— De apparecerem as almas perdidas. Ih! vamos accender fogueiras em roda do rancho.

Nisto, appareceu o Venancio, cortando-lhes a conversa.

— Gente! o patrão já está na tapéra. Deus permitta que nada lhe aconteça. Mas, vocês sabem: ninguem gosta deste pouso mal assombrado.

— Escute, tio Venancio. A rapaziada deve tambem vigiar a tapéra. Pois nós havemos de deixar o patrão sózinho?

— Que se ha de fazer? Elle disse que quer ver com seus olhos, e havia de ir só, porque assombração não apparece sinão a uma pessoa só que mostre coragem.

— O povo conta que mais de um tropeiro animoso quiz ver a cousa de perto; mas, no dia seguinte, os companheiros tinham de trazer defunto para o rancho, porque dos que dormem lá não escapa nenhum.

— Qual, homem, isso tambem não! Quem conta um conto acrescenta um ponto; eu cá não vou me fiando muito na bocca do povo; por isso é que eu não gosto de pôr o sentido nessas cousas.

A conversa tornou-se geral e cada um contou um caso de cousa do outro mundo. O silencio e a solidão da noite, realçando as scenas phantasticas das narrações de ha pouco, filtraram nas almas dos parceiros

menos corajosos um como terror pela iminencia das aparições.

E foram-se amontoando a um canto do rancho, rentes uns com os outros, de armas aperradas alguns, e olhos esbugalhados para o indeciso da treva ; outros, destemidos e gabolas, diziam alto :

— Cá por mim, o defunto que me tentar morre duas vezes, isto tão certo como sem duvida — e espreguiçavam-se nos couros estendidos, bocejando de somno.

Subito, ouviu-se um gemido agudo, fortissimo, atroando os ares como o ultimo grito de um animal ferido de morte.

Os tropeiros pularam dos logares, precipitando-se confusamente para a beira do rancho.

Mas o Venancio acudiu logo, dizendo :

— Até ahi vou eu, gente ! Dessas almas eu não tenho medo. Já sou vaqueano velho e posso contar. São as antas sapa-teiras, no cio. Disso a gente ouve poucas vezes, mas ouve. Vocês têm razão : faz medo.

E os pachydermes, ao darem com o fogo, dispararam, galopando pelo capão a dentro.

III

Manuel Alves, ao cahir da noite, sentindo-se refeito pelo jantar, endireitou para a tapéra, caminhando vagarosamente.

Antes de sahir, descarregou os dous canos da garrucha num cupim e carregou-a de novo, mettendo em cada cano uma bala de cobre e muitos bagos de chumbo grosso. Sua franqueira aparelhada de prata, levou-a tambem, enfiada no correão da cintura. Não lhe esqueceu o rôlo de cêra, nem um maço de palhas. O arrieiro partira calado. Não queria provocar a curiosidade dos tropeiros. Lá chegando, penetrou no pateo pela grande porteira escancarada.

Era noite.

Tactecendo com o pé, reuniu um mólho de gravetos seccos e, servindo-se das palhas e da binga, fez fogo. Ajuntou mais lenha, arrancando páus de cêrcas velhas, apanhando pedaços de taboa de peças em ruina, e com isso formou uma grande fogueira. Assim allumiado o pateo, o arrieiro accendeu o rôlo e começou a percorrer as

estrebarias meio apodrecidas, os paiões, as senzalas em linha, uma velha officina de ferreiro com o folle esburacado e a bigorna ainda em pé.

— Quero ver si tem alguma cousa escondida por aqui. Talvez alguma cama de bicho do matto.

E andava pesquisando, escarafunchando por aquellas dependencias de casa nobre, ora desbeijadas, sitio preferido das lagartixas, dos ferozes lacraus e dos carangueijos cerdosos. Nada, nada: tudo abandonado!

— Senhor! porque seria? inquiriu de si para si o cuyabano; e parou á porta de uma senzala, olhando para o meio do pateo, onde uma caveira alvadia de boi espáceo, fincada na ponta de uma estaca, parecia ameaçal-o com a grande armação aberta.

Encaminhou para a escadaria que levava ao alpendre e que se abria em duas escadas, de um lado e de outro, como dous lados de um triangulo, fechando no alpendre, seu vertice. No meio da parede e erguida sobre a sapata, uma cruz de madeira negra avultava; aos pés desta, cavava-se um tanque de pedra, bebedouro do gado da

porta, noutro tempo. Manuel subiu cauteloso e viu a porta aberta com a grande fechadura sem chave, uma tranca de ferro cahida e um espeque de madeira atirado a dous passos no assoalho.

Entrou. Viu na sala da frente sua rêde armada e no canto da parede, embutido na alvenaria, um grande oratorio com portas de almofadas entreabertas. Subiu a um banco de recosto alto, unido á parede, e chegou o rosto perto do oratorio, procurando examinal-o por dentro, quando um morcego enorme, alvoroçado, tomou surto, ciciando, e foi pregar-se ao tecto, donde os olhinhos redondos piscaram ameaçadores.

— Que é lá isso, bicho amaldiçoado? Com Deus adeante e com paz na guia, encommendando Deus e a Virgem Maria...

O arrieiro voltou-se, depois de ter murmurado as palavras de esconjuro, e, cerrando a porta de fóra, especou-a com firmeza. Depois, penetrou na casa por um corredor comprido, pelo qual o vento corria veloz, sendo-lhe preciso amparar com a mão espalmada a luz vacillante do rôlo. Foi dar na sala de jantar, onde uma mésa

escura e de rodapés torneados, cercada de bancos esculpidos, estendia-se, vasia e negra.

O tecto de estuque, oblongo e escantilhado, rachára, descobrindo os caibros e rasgando uma nesga de céu por uma frincha do telhado. Por ahí corria uma gotteira no tempo das chuvas e, embaixo, o assoalho pôdre ameaçava tragar quem se aproximasse despercebido. Manuel recuou e dirigiu-se para os commodos do fundo. Enfiando por um corredor que parecia conduzir á cozinha, viu, ao lado, o tecto abatido de um quarto, cujo sólho tinha no meio um monticulo de escombros. Olhou para o céu e viu, abafando a luz apenas adivinhada das estrellas, um bando de nuvens escuras, roldando. Um outro quarto havia junto deste, e o olhar do arriero deteve-se, acompanhando a luz do rôlo no braço esquerdo erguido, sondando as prateleiras fixas na parede, onde uma cousa branca luzia. Era um caco velho de prato antigo. Manuel Alves sorriu para uma figurinha de mulher, muito colorida, cuja cabeça apparecia ainda pintada ao vivo na porcellana alva.

Um zunido de vento impetuoso, constringido na fresta de uma janella que olhava para fóra, fez o arrieiro voltar o rosto de repente e proseguir o exame do casarão abandonado. Pareceu-lhe ouvir nesse instante a zoada plangente de um sino ao longe. Levantou a cabeça, estendeu o pescoço e inclinou o ouvido, alerta : o som continuava, zoando, zoando, parecendo ora morrer de todo, ora vibrar ainda, mas sempre ao longe.

— E' o vento, talvez, no sino da capella.

E penetrou num salão enorme, escuro. A luz do rôlo, tremendo, deixou no chão uma restea avermelhada. Manuel foi adeante e esbarrou num tamborete de couro, tombado ahi. O arrieiro foi seguindo, acompanhando uma das paredes. Chegou ao canto e entestou com a outra parede.

— Acaba aqui, murmurou.

Tres grandes janellas no fundo estavam fechadas.

— Que haverá aqui atraz ? Talvez o terceiro de dentro. Deixe ver.

Tentou abrir uma janella, que resistiu. O vento, fóra, disparava, ás vezes, reboando

como uma vara de queixadas em rodoinho no matto.

Manuel fez vibrar as bandeiras da janella a choques repetidos. Resistindo ellas, o arrieiro recuou e, de braço direito estendido, deu-lhes um empurrão violento. A janella, num grito estardalhaçante, escancarou-se e uma rajada rompeu por ella a dentro latindo qual matilha enfurecida; pela casa toda houve um tatarar de portas, um ruido de reboco que cái das paredes altas e se esfarinha no chão.

A chamma do rôlo apagou-se á lufada e o cuyabano ficou só, babatando na treva.

Lembrando-se da binga, sacou-a do bolso da calça; collocou a pedra com geito e bateu-lhe o fuzil: as scintellas saltavam para a frente impellidas pelo vento e apagavam-se logo. Então, o cuyabano deu uns passos para traz, apalpando, até tocar a parede do fundo. Encostou-se nella e foi andando para os lados, roçando-lhe as costas, procurando o entrevão das janellas. Ahi, acorrou-se e tentou de novo tirar fogo: uma faiscazinha chamuscou o isqueiro e Manuel Alves soprou-a delicadamente, alentando-a com carinho; a principio, ella

animou-se, quiz alastrar-se, mas de repente sumiu-se. O arrieiro apalpou o isqueiro, virou-o nas mãos e achou-o humido : tinha-o deixado no chão, exposto ao sereno, na hora em que fazia a fogueira no pateo e percorria as dependencias deste.

Metteu a binga no bolso e disse :

— Espera, diaba, que tu has de seccar com o calor do corpo.

Nesse entrementes, a zoadá do sino fez-se ouvir de novo, dolorosa e longinqua. Então, o cuyabano pôz-se de gatinhas atravessou a faca entre os dentes e marchou como um felino, subtilmente, vagarosamente, de olhos arregalados, querendo varar a treva. Subito, um ruido estranho fel-o estacar, arripiado e encolhido como um jaguar que prepara o bóte.

No tecto soaram uns passos apressados de tamancos pracatando e uma voz rouquenha pareceu proferir uma imprecação. O arrieiro assentou-se nos calcanhares, apertou o ferro nos dentes e puxou da cinta a garrucha ; bateu com o punho cerrado nos feixos da arma, chamando a polvora aos ouvidos, e esperou. O ruido cessára ; só, a zoadá do sino continuava, intermittenemente.

Nada apparecendo, Manuel tocou para deante, sempre de gatinhas ; mas, desta vez, a garrucha, aperrada na mão direita, batia no chão a intervallos rhythmicos, como a ungula de um quadrupede manco. Ao passar junto ao quarto de tecto esboroado, o cuyabano lobrigou o céo e orientou-se. Seguiu, então, pelo corredor afóra, apalpando, cosendo-se com a parede. Novamente parou, ouvindo um farfalhar distante, um sibilo como o da refega no buritizal.

Pouco depois, um estrepito medonho abalou o casarão escuro e a ventania — alcatéa de lobos rafados — investiu uivando e passou á disparada, estrondando uma janella. Sahindo por ahi, voltaram de novo os austros furentes, perseguindo-se, precipitando-se, zunindo, gargalhando sarcasticamente pelos salões vasios.

Ao mesmo tempo, o arrieiro sentiu no espaço um arfar de azas, um sóido aspero de aço que ringe e, na cabeça, nas costas, umas pancadinhas assustadas... Pelo espaço todo resoou um psiu, psiu, psiu, psiu... e um bando enorme de morcegos sinistros torvelinhou no meio da ventania.

Manuel foi impellido para a frente á corrimaça daquelles mensageiros do negrume e do assombramento. De musculos crispados num começo de reacção selvagem contra a allucinação que o invadia, o arrieiro alapardava-se, erriçando-se-lhe os cabellos; depois, seguia de manso, com o pescoço estendido e os olhos accessos, assim como um sabujo que negaceia.

E foi rompendo a escuridão á caça desse ente maldito, que fazia o velho casarão falar ou gemer, ameaçal-o ou repellil-o, num conluio demoniaco com o vento, os morcegos e a treva.

Começou a sentir que tinha cahido num laço armado talvez pelo maligno. De vez em quando, parecia-lhe que uma cousa lhe arrepellava os cabellos e uns animalculos desconhecidos perlustravam seu corpo em carreira vertiginosa. No mesmo tempo, um rir abafado, uns cochichos de escarneo pareciam acompanhal-o de um lado e de outro.

— Ah! vocês não me hão de levar assim-assim, não! exclamava o arrieiro para o invisível. Póde que eu seja onça presa na arataca. Mas eu mostro! eu mostro!

E batia com força a coronha da garrucha no sólo ecoante.

Subito, uma luz indecisa, coada por alguma janella proxima, fel-o vislumbrar um vulto branco, esguio, semelhante a uma grande serpente, colleando-se, sacudindo-se. O vento trazia vozes estranhas das socavas da terra, misturando-se com os lamentos dosino, mais accentuados agora.

Manuel estacou com as fontes latejando, a guela constricta e a respiração curta. A bocca semi-aberta deixou cahir a faca: o folego. a modo de um sedenho, penetrou-lhe na garganta secca, sarjando-a e o arrieiro roncou como um barrão acuado pela cachorrada. Correu a mão pelo sólho e agarrou a faca; metteu-a de novo entre os dentes, que rangeram no ferro; engatilhou a garrucha e apontou para o monstro: uma pancada secca do cão no aço do ouvido mostrou-lhe que a sua arma fiel o trahia. A escorva cahira pelo chão e a garrucha negou fogo. O arrieiro arrojou contra o monstro a arma traidora e gaguejou em meia risada de louco:

— Mandingueiros do inferno! Botaram mandinga na minha arma de fiança!

Tiveram medo dos dentes de minha garrucha! Mas vocês hão de conhecer homem, sombrações do demonio!

De um salto, arremetteu contra o inimigo; a faca, vibrada com impeto feroz, ringiu numa cousa e foi enterrar a ponta na taboa do assoalho, onde o sertanejo, apanhado pelo meio do corpo num laço forte, tombou pesadamente.

A queda assanhou-lhe a furia e o arrieiro, erguendo-se de um pulo, rasgou numa facada um farrapo branco que ondulava no ar; deu-lhe um bote e estrincou nos dedos um como tecido grosso. Durante alguns momentos, ficou no logar, hirto, suando, rugindo.

Pouco a pouco, foi correndo a mão cautelosamente, tacteando aquelle corpo estranho que seus dedos arrochavam: era um panno, de sua rêde talvez, que o Venancio armára na sala da frente.

Neste instante, pareceu-lhe ouvir chascos de mofa nas vozes do vento e nos assovios dos morcegos; ao mesmo tempo percebia que o chamavam lá dentro — Manuel, Manuel, Manuel — em phrases tartamudeadas. O arrieiro avançou como um

posseço, dando pulos, esfaqueando sombras que fugiam.

Foi dar na sala de jantar, onde, pelo rasgão do telhado, pareciam descer umas fórmãs longas, esvoaçando, e uns vultos alvos, em que por vezes pastavam chammas rapidas, dançavam-lhe deante dos olhos incendidos.

O arrieiro não pensava mais. A respiração se lhe tornára estertorosa ; horriveis contracções musculares repuxavam-lhe o rosto e elle, investindo as sombras, uivava :

— Traiçoeiras ! eu queria carne para rasgar com este ferro ! eu queria osso para esmigalhar num murro !

As sombras fugiam, esfloravam as paredes em ascensão rapida, illuminando-lhe subitamente o rosto, brincando-lhe um momento nos cabellos arripiados, ou dançando-lhe na frente. Era como uma chusma de meninos endemoninhados a zombarem delle, puxando-o d'aqui, beliscando-o d'acolá, açulando-o como a um cão de rua.

O arrieiro dava saltos de tigre, arremettendo contra o inimigo nessa luta phantastica : rangia os dentes e parava depois, ganindo como a onça esfaimada a que se

escapa a presa. Houve momento em que uma choréa demoniaca se concertava ao redor delle, entre uivos, guinchos, risadas ou gemidos. Manuel ia recuando e aquelles circulos infernaes o iam estrangindo; as sombras giravam correndo, precipitando-se, entrando numa porta, sahindo noutra, esvoaçando, rojando no chão ou saracoteando desenfreiadamente.

Um longo soluço despedaçou-lhe a garganta num ai sentido e profundo e o arrieiro deixou cahir pesadamente a mão esquerda espalmada num portal, justamente quando um morcego que fugia amedrontado lhe deu uma forte pancada no rosto. Então, Manuel pulou novamente para deante, apertando nos dedos o cabo da franqueira fiel; pelo rasgão do telhado novas sombras desciam e algumas, quedas, pareciam dispostas a esperar o embate.

O arrieiro rugiu :

— Eu mato, eu mato, mato! — e acommetteu com furia de allucinado aquelles entes malditos. De um salto foi cahir no meio das fórmias impalpaveis e vacillantes; um fragor medonho se fez ouvir; o assoalho pôdre cedeu e um barrote, ruido de cupins,

baqueou sobre uma cousa que se desmorrava em baixo da casa. O corpo de Manuel, tragado pelo buraco que se abriu, precipitou-se e tombou lá em baixo. Ao mesmo tempo, um som vibrante de metal, um tilintar como o de moedas derramando-se pela fenda de uma frásqueira que se racha, acompanhou o baque do corpo do arrieiro.

Manuel, lá no fundo, ferido, ensanguentado, arrastou-se ainda, cravando as unhas na terra como um ururáu golpeado de morte; em todo o corpo estendido com o ventre na terra perpassava-lhe ainda uma crispação de luta; sua bocca proferiu ainda — « eu mato! mato! ma... » — e um silencio tragico pesou sobre a tapéra.

IV

O dia estava nasce-não-nasce e já os tropeiros tinham pegado na lida. Na meia luz, crepitava a labareda em baixo do caldeirão, cuja tampa, impellida pelos vapores que subiam, rufava nos beijos de ferro batido. Um cheiro de matto e de terra

orvalhada espalhava-se com a viração da madrugada.

Venancio, dentro do rancho, juntava ao lado de cada cangalha o couro, o arrocho e a sobrecarga. Joaquim Pampa, fazendo cruces na bocca aos bocejos frequentes, por impedir que o demonio lhe penetrasse no corpo, emparelhava os fardos, guiando-se pela côr dos tópes cozidos áquelles. Os tocadores, pelo campo afóra, écavam um para outro, avisando o encontro de algum macho fujão. Outros, em rodeio, detinham-se no logar em que se achava a madrinha, vigiando a tropa.

Pouco depois, ouviu-se o tropel dos animaes demandando o rancho. O sin-cerro tilintava alegremente, espantando os passarinhos, que se levantavam das touceiras de arbustos, voando apressados. As urús, nos capões, solfejavam á aurora, que principiava de tingir o céo e manchar de purpura e ouro o capinzal verde.

— Eh! gente! o orvalho 'stá cortando. Êta! Que tempão tive briquitando co'aquelle macho « pelintra ». Diabo o leve! Aquillo é proprio um gato: não faz

bulha no matto e não procura as trilhas, por não deixar o rasto.

— E a « andorinha ? » Isso é que é mulhinha desabotinada ! Sopra de longe que nem um bicho do matto e desanda na carreira. Ella me ogerizou tanto, que eu soltei nella um matacão de pedra, de que ella havia de gostar pouco.

A rapaziada chegava á beira do rancho, tangendo a tropa.

— Que é da giribita ? Um trago é bom para cortar algum ar que a gente apanhe. Traze o guampo, Aleixo.

— Uma hora é frio, outra é calor, e vocês vão virando, cambada do diabo ! — gritou o Venancio.

— Largue da vida dos outros e vá cuidar da sua, tio Venancio ! Por força que havemos de querer esquentar o corpo : emquanto nós, nem bem o dia sonhava de nascer, já estavamos atolados no capinzal molhado, vossemecê tava ahi na beira do fogo, feito um cachorro velho.

— Tá bom, tá bom ! Não quero muita conversa commigo, não. Vão tratando de chegar os burros ás estacas e de suspender as cangalhas. O tempo é pouco, e o

patrão chega de uma hora para outra. Fica muito bonito, si elle vem encontrar essa synagoga aqui! E por falar nisso, é bom a gente ir lá. Deus é grande! mas eu não pude fechar os olhos esta noite! Quando ia querendo pegar no somno, me vinha á mente alguma que pudesse succeder a sô Manuel. Deus é grande!

Logo-logo, o Venancio chamou pelo Joaquim Pampa, pelo Aleixo e mais o José Paulista.

— Deixamos esses meninos cuidando do serviço e nós vamos lá.

Nesse instante, um molecote chegou com o café. A rapaziada cercou-o. O Venancio e seus companheiros, depois de terem emborcado os cuités, partiram para a tapéra.

Logo á sahida, o velho tropeiro reflectiu um pouco e disse alto:

— E' bom ficar um aqui tomando conta do serviço. Fica você, Aleixo.

Seguiram os tres, calados, pelo campo afóra, na luz suave da ante-manhã. Concentrados em conjecturas sobre a sorte do arrieiro, cada qual queria mostrar-se mais sereno, andando lepidamente e de rosto

tranquillo ; cada qual, porém, escondia do outro a angustia do coração e a fealdade do prognostico.

José Paulista entoou uma cantiga que acaba neste estribilho :

A barra do dia ahí vem!

A barra do sol tambem,

Ai!

E lá foram, cantando todos tres, por espantar as maguas.

Ao entrarem no grande pateo da frente, deram com os restos da fogueira que Manuel Alves tinha feito na vespera. Sem mais detença, foram se barafustando pela escadaria do alpendre, em cujo topo a porta de fóra lhes cortou o passo. Experimentaram-n'a primeiro. A porta, fortemente especada por dentro, rinchou e não cedeu.

Forcejaram os tres e ella resistiu ainda. Então, José Paulista correu pela escada a baixo e trouxe ao hombro um cambão, no qual os tres pegaram e, servindo-se delle como de um ariete, marraram com a porta. As hobreiras e a verga vibraram aos choques violentos, cujo fragor se

foi avolumando pelo casarão a dentro em roncões profundos.

Em alguns instantes, o espeque, escapulindo do lugar, foi arrojado no meio do sólho. A caliça que cahia encheu de pequenos torrões esbranquiçados os chapéus dos tropeiros—e a porta escancarou-se.

Na sala da frente deram com a rêde toda estraçalhada.

— Máu, máu, máu ! — exclamou o Venancio, não podendo mais conter-se ; os outros tropeiros, de olhos esbugalhados, não ousavam proferir uma palavra. Apenas apalpam com cautela aquelles farrapos de panno, malsinados, com certeza, ao contacto das almas do outro mundo.

Correram a casa toda juntos, arquejando, murmurando orações contra malefícios.

— Gente, onde estará sô Manuel ? Vocês não me dirão por amor de Deus ? exclamou o Venancio.

Joaquim Pampa e José Paulista calavam-se, perdidos em conjecturas sinistras.

Na sala de jantar, mudos, um em frente do outro, pareciam ter um conciliabulo em que sómente se lhes communicassem

os espiritos; mas, de repente, creram ouvir pelo buraco do assoalho um gemido estertoroso. Curvaram-se todos; Venancio debruçou-se, sondando o porão da casa.

A luz, mais diaphana, já allumiava o terreiro de dentro e entrava pelo porão: o tropeiro viu um vulto estendido.

— Nossa Senhora! Corre, gente, que só Manuel está lá em baixo estirado!

Precipitaram-se todos para a frente da casa, Venancio adiante. Desceram as escadas e procuraram o portão que dava para o terreiro de dentro. Entraram por elle afóra e, embaixo das janellas da sala de jantar, um espectáculo estranho depa-rou-se-lhes:

O arrieiro, ensanguentado, jazia no chão estirado; junto de seu corpo, de envolta com torrões desprendidos da abobada de um forno desabado, um chuveiro de moedas de ouro luzia.

— Meu patrão! Sô Manuelzinho! Que foi isso? Olhe seus camaradas aqui. Meu Deus! que mandinga foi esta? E a ourama que allumia deante de nossos olhos?!

Os tropeiros acercaram-se do corpo do Manuel, por onde passavam tremores

convulsos. Seus dedos encarangados estrincavam ainda o cabo da faca, cuja lamina se enterrára no chão ; perto da nuca e presa pela golla da camisa, uma moeda de ouro se lhe grudára na pelle.

— Sô Manuelzinho ! Ai, meu Deus ! p'ra que caçar historias com cousas do outro mundo ! Isso é mesmo obra do capeta, porque anda dinheiro no meio. Olha esse ouro, Joaquim ! Deus me livre !

— Qual, tio Venancio, disse por fim o José Paulista. Eu já sei a cousa. Já ouvi contar casos desses. Aqui havia dinheiro enterrado e, com certeza, nesse forno que está com a bocca virada para o terreiro. Ahi é que está a cousa. Ou esse dinheiro foi mal ganho, ou porque, o certo é que almas dos antigos donos desta fazenda não podiam socegar enquanto não topassem um homem animoso para lhe darem o dinheiro, com a condição de cumprir por intenção dellas alguma promessa, pagar alguma divida, mandar dizer missas; foi isso, foi isso ! E o patrão é homem mesmo ! Na hora de ver a sombração, a gente precisa de atravessar a faca ou um ferro na bocca, p'r'amor de

não perder a fala. Não tem nada, Deus é grande !

E os tropeiros, certos de estarem diante de um facto sobrenatural, falavam baixo e em tom solemne. Mais de uma vez per-signaram-se e, fazendo cruces no ar, mandavam o que quer que fosse — « para as ondas do mar » ou « para as profundas, onde não canta gallo, nem gallinha.»

Emquanto conversavam, iam procurando levantar do chão o corpo do arrieiro, que continuava a tremer; ás vezes batiam-se-lhe os queixos e um gemido entrecortado lhe rebentava da garganta.

— Ah! patrão! patrão! Vossemecê, homem tão duro, hoje tombado assim ! Valha-nos Deus! São Bom-Jesus do Cuyabá ! olha sô Manuel, tão devoto seu!—gem ia o Venancio.

O velho tropeiro, auxiliado por Joaquim Pampa, procurava com muito geito levantar do chão o corpo do arrieiro, sem magoal-o. Conseguiram levantá-lo nos braços, trançados em cadeirinha e, antes de seguirem o rumo do rancho, Venancio disse ao José Paulista :

— Eu não peço nessas moedas do capeta. Si você não tem medo, ajunta isso e traz.

Paulista encarou algum tempo o forno esboroadado, onde os antigos haviam enterrado seu thesouro. Era o velho forno para quitanda. A ponta do barrote que o desmoronára estava afincada no meio dos escombros. O tropeiro olhou para cima e viu, no alto, bem acima do forno, o buraco do assoalho por onde cahira o Manuel.

— E' alto devéras! Que tombo! disse de si para si. Que ha de ser do patrão? Quem viu sombração fica muito tempo sem poder encarar a luz do dia. Qual! esse dinheiro ha de ser de pouca serventia. Para mim eu não quero: Deus me livre; então é que eu tava pegado com essas almas do outro mundo! Nem é bom pensar.

O forno estava levantado junto de um pilar de pedra, sobre o qual uma viga de aroeira se erguia, supportando a madre. De cá se via a fila dos barrotes estendendo-se para a direita até ao fundo escuro.

José Paulista principiou a catar as moedas e encher os bolsos da calça; depois de cheios estes, tirou do pescoço seu grande lenço de côr e, estendendo-o

no chão, o foi enchendo também ; dobrou as pontas em cruz e amarrou-as fortemente. Escarafunchando os escombros do forno, achou mais moedas e com estas encheu o chapéo. Depois partiu, seguindo os companheiros que já iam longe, conduzindo vagarosamente o arriero.

As nevoas volateantes fugiam impelidas pelas auras da manhã ; sós, alguns capuchos pairavam, muito baixos, nas depressões do campo, ou adejavam nas cupolas das arvores. As sombras dos dous homens que carregavam o ferido traçaram no chão uma figura estranha de monstro. José Paulista, estugando o passo, acompanhava com os olhos o grupo que o precedia de longe.

Houve um instante em que um pé de vento arrancou ao Venancio o chapéo da cabeça. O velho tropeiro voltou-se vivamente ; o grupo oscillou um pouco, concertando nos braços o ferido ; depois, pareceu a José Paulista que o Venancio lhe fazia um aceno : « apanhasse-lhe o chapéo. »

Ahi chegando, José Paulista arriou no chão o ouro, pôz na cabeça o chapéo de

Venancio e, levantando de novo a carga, seguiu caminho afóra.

A' beira do rancho, a tropa bufava, escarvando a terra, abicando as orelhas, relinchando, á espera do milho que não vinha. Alguns machos malcriados entravam pelo rancho a dentro, de focinho estendido cheirando os embornaes.

A's vezes, ouvia-se um grito — toma diabo! — e um animal espirrava para o campo á tacada de um tropeiro.

Quando lá do rancho se avistou o grupo onde ia o arrieiro, correram todos. O cozinheiro, que vinha do olho d'agua com o odre ás costas, atirou com elle ao chão e disparou tambem. Os animaes já amarrados, espantando-se, escoravam nos cabrestos. Bem depressa a tropeirada cercou o grupo. Reuniram-se em mó, proferiram exclamações, benziam-se, mas logo alguém lhes impoz silencio, porque voltaram todos, recolhidos, com os rostos consternados.

O Aleixo veiu correndo na frente para armar a rêde de tucum que ainda restava.

Foram chegando e José Paulista chegou por ultimo. Os tropeiros olharam com

estranheza a carga que este conduzia; ninguém teve, porém, coragem de fazer uma pergunta: contentaram-se com interrogações mudas. Era o sobrenatural, ou era obra dos demonios. Para que saber mais? Não estava naquelle estado o pobre do patrão?

O ferido foi collocado na rêde, havia pouco armada. Um dos tropeiros chegou com uma bacia de salmoura; outro, correndo do campo com um molho de arnica, pisava a planta por extrahir-lhe o succo. Venancio, com um panno embebido, banhava as feridas do arrieiro, cujo corpo vibrava, então, fortemente.

Os animaes olhavam curiosamente para dentro do rancho, afilando as orelhas.

Então, Venancio, com a physionomia decomposta, numa apoiadura de lagrimas, exclamou aos parceiros:

— Minha gente! aqui, neste deserto, só Deus Nosso Senhor! E' hora, meu povo! E ajoelhando-se de costas para o sol que nascia, começou a entoar um — « Senhor Deus, ouvi a minha oração e chegue a vós o meu clamor! » — E trechos de psalmos que aprendera em menino, quando

lhe ensinaram a ajudar a missa, affloraram-lhe á bocca.

Os outros tropeiros foram se ajoelhando todos atraz do velho parceiro, que parecia transfigurado. As vozes foram subindo, plangentes, desconcertadas, sem que ninguém comprehendesse o que dizia. Entretanto, parecia haver uma ascensão de almas, um appello fremente *in excelsis*, na fusão dos sentimentos desses filhos do deserto. Ou era talvez a propria voz do deserto mal ferido com as feridas de seu irmão e companheiro, o fogofo cuyabano.

De feito, não pareciam mais homens que cantavam: era um só grito de angustia, um appello de soccorro, que subia do seio largo do deserto ás alturas infinitas — «Meu coração está ferido e secco como a herva... Fiz-me como a coruja, que se esconde nas solidões!... Attendei propicio á oração do desamparado e não desprezeis a sua supplica...»

E assim, em phrases soltas, ditas por palavras não comprehendidas, os homens errantes exalçaram sua prece com as vozes robustas de corredores dos escampados. Inclínados para a frente, com o rosto

baixado para terra, as mãos batendo nos peitos fortes, não pareciam dirigir uma oração humilde de pobresinhos ao manso e compassivo Jesus, sinão erguer um hymno de glorificação ao *Agios Ischiros*, ao formidavel *Sanctus, Sanctus, Dominus Deus Sabaoth*.

Os raios do sol nascente entravam quasi horisontalmente no rancho, acclarando as costas dos tropeiros, esflorando-lhes as cabeças com fulgurações tremulas. Parecia o proprio Deus formoso, o Deus forte das tribus e do deserto, apparecendo num fundo de apothese e lançando uma mirada, do alto de um portico de ouro, lá muito longe, áquelles que, prostrados em terra, chamavam por Elle.

Os ventos matinaes começaram a soprar mais fortemente, remexendo o arvoredado do capão, carregando feixes de folhas que se espalhavam no alto. Uma ema, abrindo as azas, galopava pelo campo... E os tropeiros, no meio de uma inundação de luz, entre o canto das aves despertadas e o resfolegar dos animaes soltos que iam fugindo da beira do rancho, derramavam sua prece pela amplidão immensa.

Subito, Manuel, soerguendo-se num esforço desesperado, abriu os olhos vagos e incendidos de delirio. A mão direita contrahiu-se, os dedos crispavam-se como se apertassem o cabo de uma arma prompta a ser brandida na luta... e seus labios murmuraram ainda, em ameaça suprema— «eu mato!... mato!... ma...»



A CADEIRINHA



A Estevam Lobo.



AQUELLE fundo de sacristia, escondida ou arredada como si fôra uma imagem quebrada cuja ausencia do altar o decoro do culto exige, encontrei a cadeirinha azul, forrada de damasco côr de ouro velho. Na frente e no fundo, dois pequenos paineis pintados em madeira com traços finos e expressivos. Representava cada qual uma dama do antigo regimen. A da frente, vestida de seda branca, contrastava a alvura do vestido e o tenue colorido da pelle com o negrume dos cabellos repuxados em trunfa alta e o vivo carmim dos labios; tinha um ar desdenhoso e fatigado de fidalga elegante para quem os requintes da etiqueta e galanteios dos salões são já coisas velhas e comezinhas. A outra, mais antiga ainda, trazia as melenas em cachos

artísticos sobre as fontes e as pequeninas orelhas; um leque de marfim semi-aberto comprimia-lhe os labios rebeldes que queriam expandir-se num riso franco; os olhos grandes e negros tinham mais paixão e mais alma. Esta contemporanea de La Vallière, que o artista anonymo perpetuou na madeira da cadeirinha, não se parecia muito com aquella meiga victima da régia concupiscencia; ao contrario, um certo arregaçado das narinas, uma ponta de ironia que lhe vojava na commissura da bocca breve e energica—tudo isso mostrava estar ali naquelle painel representada uma mulher meridional, ardente e vivaz, prompta ao amor apaixonado ou á luta odienta. Aquelles mesmos bicos alvos de renda que, acompanhando a curva do decote, pareciam recortar o moreno jambeado daquelle collo de sultana, os mesmos bicos de renda estavam a dizer, sobre o doce pallor amorenado do collo, que a dama dos olhos ardentes tinha escondidas no canto dos labios a doçura da ambrosia e a peçonha da serpente.

Sem querer acrescentar mais ao já dito sobre as damas, perguntava de mim para

mim si o pintor do seculo passado, ao traçar com tanta correcção e finura os dois retratos de mulher, transmittindo-lhes em cada cabello do pincel uma chamma de vida, não estaria realmente diante de dois especimens raros de filhos de Eva, de duas heroínas que por serem de comedia ou de opera nem por isso deixam de o ser da vida real ?

— Quem sabe si a Fontanges e a Montespan ?

— Qual ! impossivel !

— Impossivel, não ! porque a cadeirinha podia perfeitamente ter sido pintada em França e era até mais natural crel-o ; porquanto a finura das tintas e a correcção dos traços pareciam indicar um artista das grandes côrtes da época.

E assim, em taes conjecturas, puz-me a examinar mais detidamente o velho e delicado vehiculo, reliquia do seculo passado, sobrevivendo não sei porque na sacristia da igreja de um modesto arraial mineiro. Os várães, conformes á moda bizarra do tempo, terminavam em cabeças de dragões com as fauces abertas e sanguentas e os olhos com uma expressão de ferocidade

estupida. O forro de cima formava um pequeno docel de throno senhorial ; e o ouro velho do damasco que alcatifava tambem os dois assentos fronteiriços não tem igual nas casas de modas de agora.

Qual das matronas de Ouro Preto, ou das cidades que como esta alcançam mais de um seculo, não terá visto, ou pelo menos ouvido falar com inslencia, quando meninas, nas cadeirinhas conduzidas por lacaios de libré, onde as moçoilas e as damas de outr'ora se faziam delicadamente transportar ?

Quem não fará reviver na imaginação uma das scenas galantes da cortezia antiga em que, através da portinhola cortada de caprichosos labores de talha, passava um rostozinho enrubecido e dois olhos de veludo a pousarem de leve sobre o cavalleiro de espadim com quem a mysteriosa dama cruzava na passagem ?

Tambem, ó pobre cadeirinha, lá terias o teu dia de caiporismo : havia de chegar a hora em que, em vez dos saltos vermelhos de um sapatinho de setim calçando um pezinho delicado, teu fundo fosse calcado pela chancra esparramada de alguma

cetacea obesa e tabaquista. Como havia de gemer então a alcatifa de damasco côr de ouro velho revoltada contra similhante profanação :—alguma mulata velha e alentada, apreciadora da mécha ou do rolão, a refocilar-se na cadeirinha, espalhando a toucinheira das nadeegas num dos assentos fronteiros !

Nem foram desses os teus peiores dias, ó saudosa cadeirinha ! Já pelos annos de tua velhice, quando, como agora, sobreviviaes ao teu bello tempo passado, quando, perdidos teus antigos donos, alguém se lembrou de carregar-te para a sacristia da igreja, não te davam outro serviço que não o de transportares, como esquife, cadaveres de anjinhos pobres ao cemiterio, ou similhante ás macas das ambulancias militares, o de conduzires ao hospital feridos ou enfermos desvalidos.

Que cruel vingança não toma aquella época longinqua por lhe teres sobrevivido ! Coisa inteiramente fóra da moda, o contraste flagrante que formas com o mundo circumdante é uma prova evidente de tua proxima eliminação, ó velha cadeirinha dos tempos mortos !

Mas, é assim a vida : as especies, como os individuos, vão desaparecendo ou se transformando em outras especies e em outros individuos mais perfeitos, mais complicados, mais aptos para o meio actual, porém muito menos grandiosos que os passados. Que figura faria o elephante de hoje, resto exotico da fauna terciaria, ao lado do megatherio? A de um filhote deste. E no emtanto, bem cedo, talvez nos nossos dias, desaparecerá o elephante, por já estar em desharmonia com a fauna actual, por constituir já aquelle doloroso contraste de que falamos acima e que é o primeiro symptoma da proxima eliminação do grande pachyderme. Parece que o progresso marcha para a dispersão, a desagregação e o formigamento. Um grande organismo tomba e se decompõe e vai formar uma innumeravel quantidade de seres ávidos de vida. A morte, essa grande illusão humana, é o inicio daquella dispersão, ou antes a fonte de muitas vidas. ■ que grande consoladora !

Lembra-me ter visto, ha tempos, um octogenario de passo tropego e cara rapada passeiando em trajes domingueiros a

pedir uma caricia ao sol. Dirigi-lhe a palavra e detivemo-nos largo espaço a falar dos costumes, das coisas e dos homens do outro tempo. Nisso surpreendeu-nos um magote de garotos que escaramuçou o velho a vaias. O pobre do ancião já ia seguindo seu caminho quando o abordou a menina; não apressou o passo nem perdeu aquella serenidade de quem já tinha domado as furias das paixões com o vencer os annos. Vi-o ainda voltar-se com o rosto engelhado numa risada tristissima, a comprida jadona abanando ao vento e dizer, em tom de convicção profunda : « Ai dos velhos, si não fosse a morte ! » Parecia uma banalidade, mas não era sinão o appello supremo, a prece fervente que esse exilado fazia a Deus para que puzesse termo ao seu exilio, onde elle estava fóra dos seus amigos, dos seus costumes, de tudo quanto lhe podia falar ao coração. O proprio aspecto da terra não era o mesmo que no seu tempo, porque tambem os riachos mudam de leito, as grandes arvores tombam e o solo se rasga em fundos precipicios á acção pertinaz das chuvas.

Porque, pois, a pobre cadeirinha, esse mimo de graça, esse traste casquilho, essa fiel companheira da vida de sociedade, da vida palaciana, da vida de côrte com seus apuros e suas intrigas, suas vinganças pequeninas, seus amores, para que sobrevive e porque a não poz em pedaços um braço robusto empunhando um machado bem-fazejo? Ao menos evitaria esse dolorosissimo ridiculo, essa exposição indecorosa de nudez de velha!

Já tiveste dias de gloria, cadeirinha de outros tempos! Pois bem: desaparece agora, vae ao fogo e pede que te reduza a cinzas! E' mil vezes preferivel a essa decadencia em que te achas e até mesmo á hypothese mais lisongeira de te perpetuarem num museu. Deves preferir a paz do anniquilamento á gloria de figurares numa collecção de objectos antigos, exposta á curiosidade dos papalvos e ás lorpas considerações dos burguezes, mofada e tristonha. Morre, desaparece, que talvez — porque não? — a tua dona mais gentil, aquella para quem tuas alcatifas tinham mais delicada caricia ao receber-lhe o corpinho mimoso, aquella que rescendia um

perfume longinquo de roseira do Chiraz, talvez te conduza para alguma região ideal, dourada e fugidia, inacessível aos homens...

Desapparece, aniquila-te, ou foge, cadeirinha! Lá, naquella mansão bemaventurada, pegarão teus varaes, não lacaios de libré, mas alvos mancebos de vestes brilhantes e olhar atrevido. Estes conduzirão através de nuvens a creatura feiticeira que encantou o seu tempo e que deixou impressa no taboado de teu fundo, ó cadeirinha de outras éras, como uma caricia eterna, a lembrança do contacto de um pé taful, calçadinho de setim.



BURITY PERDIDO





VELHA palmeira solitaria, testemunya sobrevivente do drama da conquista, que de magestade e de tristura não exprimes, veneravel eponymo dos campos!

No meio da campina verde, de um verde esmaiado e merencoreo, onde tremeluzem ás vezes as florinhas douradas do alecrim do campo, tu te ergues altaneira, levantando ao céo as palmas tesas, — velho guerreiro petrificado em meio da peleja!

Tu me appareces como o poema vivo de uma raça quasi extincta, como a canção dolorosa dos soffrimentos das tribus, como o hymno glorioso de seus feitos, a narração commovida das pugnas contra os homens de além!

Porque ficaste de pé, quando teus coevos já tombaram?

Nem os rapsodistas antigos, nem a lenda cheia de poesia do cantor cego da Illiada commovem mais do que tu, vegetal ancião, cantor mudo da vida primitiva dos sertões!

Atalaia grandioso dos campos e das mattas — junto de ti pasce tranquillo o touro selvagem e as potranças ligeiras, que não conhecem o jugo do homem.

São teus companheiros, de quando em quando, os patos pretos que arribam ariscos das lagoas longinquas em demanda de outras mais quietas e solitarias, e que dominas, velha palmeira, com tua figura erecta, quêda e magestosa como a de um velho guerreiro petrificado.

As varas de queixadas bravios atravessam o campo e, ao passarem junto de ti, talvez por causa do ladrido do vento em tuas palmas, rodomoinham e rangem os dentes furiosamente, como o rufar de tambôres de guerra.

O corsel lubuno, pastor da tropilha, á sombra de tua fronde, sacode vaidosamente a cabeça para arrojar fóra da testa a crina basta do topete, que lhe encobre a vista; relincha depois, nitre com força appellidando a favorita da tropilha, que

morde o capim mimoso da margem da lagôa.

Junto de ti, á noite, quando os outros animaes dormem, passa o cangussú em monteria; quando volta, a carne da prêa lhe ensanguenta a fauce e seu andar é mais lento e ondulante.

Talvez passassem junto de ti, ha dous seculos, as primeiras bandeiras invasoras; o guerreiro tupy, escravo dos de Piratininga, parou então extatico deante da velha palmeira e lembrou os tempos de sua independencia, quando as tribus nomadas vagavam livres por esta terra.

Poeta dos desertos, cantor mudo da natureza virgem dos sertões, evohé!

Gerações e gerações passarão ainda, antes que séque esse tronco pardo e escamoso.

A terra que te circumda e os campos adjacentes tomaram teu nome, ó eponymo, e o conservarão.

Se algum dia a civilização ganhar essa paragem longinqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de sócco, velho Burity Perdido. Então, como os hoplitas athenienses captivos em Syracusa, que conquistaram a

liberdade enternecendo os duros senhores á narração das proprias desgraças nos versos sublimes de Euripedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a propria destruição, comprando teu direito á vida com a poesia selvagem e dolorida que tu sabes tão bem comunicar.

Então, talvez, uma alma amante das lendas primévas, uma alma que tenhas movido ao amor e á poesia, não permittindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento ás gerações extinctas, uma pagina sempre aberta de um poema que não foi escripto, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra.



A ESTEIREIRA



A João Rodrigues Guião.



ONHECI-A NO sertão.

Era uma mulata de estatura regular, cheia de corpo, cadeiras largas e braços grossos. Tremiam-lhe as nadegas a seu passo forte. Trazia sempre á cabeça um lenço de côr, atado junto á nuca, deixando pender as duas pontas, que substituíam as tranças. Ostentava invariavelmente o collo de nhambú, descoberto, apparecendo os seios duros, saltitantes, presos no bico pela renda da camisa alva. Cercava-lhe o pescoço um collar grosseiro, pesado, de grandes contas de ouro massiço. Das orelhas pendiam-lhe brincos grandes, tambem de ouro, em fórmula de meia lua. Tinha a pelle macia e a carnadura cheia do viço que transudavam seus labios vermelhos, sempre humidos. As linhas do

rosto, correctas que eram, representavam no conjuncto de seu corpo o cunho da raça caucasiana. Esse conjuncto alliava á graça da européa a sensual indolencia das filhas d'Africa.

Era provocadora — a mulata!

Chamavam-lhe *Esteireira*, por causa do pai, empregado no officio de fazer esteiras de taquara.

Lavadeira eximia, pela praia do Lontra, sobre o brilhante cascalho, estendia ella sua roupa, de alvura tão nitida, que, ao vel-a pela manhã no coradouro, dirieis um sendal de geadá cahida durante a noite.

Encontramol-a muita vez, de saia arreçada, mettida n'agua até aos joelhos, curvada sobre uma grande pedra, na qual batia as peças de roupa, depois de mergulhal-as no correço.

Anna Esteireira gostava de um rapaz conhecido por Philippinho, diminutivo por que sempre foi tratado, por ser de baixa estatura. Era um pardo de peito largo e saliente, sobre o qual assentava um pesçoço de anta. Sua cabelleira preta e encrespada sustentava um leve chapéo de palha de burity, e da ilhargá esquerda

pendia-lhe um grosso e pesado facão, preso a um cinturão de sola.

Andava sempre em mangas de camisa e de calças arregaçadas, á maneira de calções; camisa e calças abotoadas por uns grosseiros botões de chifre, fabricados mesmo na terra.

Esse mestiço era objecto de perseguição e busca da policia local.

De genio atrevido e despreoccupado, arredio a toda especie de trabalho, Philippinho estava ao pintar para companheiro do Besouro, do Pedro Barqueiro, do Lucas e outros terriveis bandidos que infestaram as regiões banhadas pelos rios Urucuya, Somno e Preto.

Mais de uma vez, o cabo Marianão, á frente de um pugillo de bons soldados, déra, cara á cara, com Philippinho, arremetendo todos em massa contra elle. Mas o endemoninhado mulato era mais destro no pulo do que o cangussú ; riscava com o facão as fardas aos soldados, e, dando um assobio agudo, desaparecia em qualquer touça de arbustos nas immediações. Não era átôa que o mulherio o julgava como tendo trato com o *Sujo*.

De uma vez, foi a causa da morte de um subdelegado. Corrêra na cidade que o Philippinho andava fazendo suas tropelias mesmo *intra muros*, e alguém foi ás presas avisar ao Manuel Lourenço, subdelegado que então era. Estava este acabando de jantar, mas saltou presto da mesa para o lombo de um cavallo amarrado á porta. Sai em corrida disparada para o logar onde o tigre se havia *entocado*; não o alcançou, porém, que uma apoplexia lhe arrancou a vida no cumprimento do dever.

Já Philippinho estava encantado, depois de ter por centenaes de vezes querido romper o circulo em que o fechára o cabo Marianão.

— Desta vez estás na unha, moleque, disse o gigantesco soldado.

De facto, cahira; mas, astucioso que era, mudou de tactica para a resistencia, vendo que do emprego da força só mal poderia advir-lhe. Entregou os punhos ás algemas, manso como um cordeiro, deixando-se levar á casa da auctoridade policial para ahi soffrer o inquerito.

Crime visivel e grave não o commettêra elle, que alguém dissesse. Era turbulento,

mas não fizera morte, nem roubo. Temiam-no e atiravam á sua conta toda escalada em casa alheia durante a noite, qualquer pancadaria na sombra dos beccos e viellas. Provas não havia; entretanto, sabendo Philippinho do conceito de que gosava, vivia foragido.

Ahi, nas proprias barbas da auctoridade, desenvolveu a Esteireira uma arenga em defesa do seu *Bem*, em que, com os seios descobertos, inflados de canção e ira (corrêra da praia ao saber do que se passava), fazia largos gestos com os lindos braços nús, bronzeados, humidos e bordados por uma renda de espuma.

Tinha desviado para si a attenção; e os soldados, confiando na postura humilde de Philippinho, limpavam a testa, resfolegantes, deixando-o solto na sala, pois já estava algemado.

Imperceptivelmente, elle se afastava até á porta e, voltando-se de repente, entra a correr pela rua acima.

Tomaram-lhe a deanteira.

No largo, podia elle desenvolver toda a sua destreza; e, embora algemado, deitou

por terra dous soldados que, destacados, topou no caminho.

Fugiu.

Não prenderam a Esteireira, que dahi a pouco, em doce entrevista, conversava o mestiço nas cercanias da casa do pae della, ao longe, já tardezinha.

Juntos e esquecidos do que se passára—tão grande era o amor que os ligava e curtos os momentos de que dispunham para as falas ternas e as mutuas confidencias — quedaram-se muito tempo.

Ao despedir-se do mulato, Anna, puxando-o pelos dedos e fixando nos delle seus grandes olhos negros, queimados de zelos, perguntou-lhe se não era exacto ter elle dado umas bichas de ouro á Candinha do Fundão e estar inclinado a gostar della.

Philippinho negou tudo, affirmando que o seu *Bem* era ella, Anna; que sempre gostou della e affrontava os perigos que ella bem sabia, para vir vel-a á cidade. Se isso não era prova, que mais queria ?

Ella acreditou, ou fez que acreditou, pois não tocou mais nisso.

Afagou a cabelleira basta do mulato e, fugindo ao abraço deste, disse-lhe, á certa

distancia, com o braço elevado e o indicador da mão direita apontando para o ar, como quem quer dar uma ordem e ao mesmo tempo ameaçar pelo não cumprimento desta :

— Olhe! Depois d'amanhã, quero vel-o no Lageiro de Cima. Esteja junto daquella lobeira da margem do correjo, depois que eu tiver apanhado a roupa do coradouro. Adeus.

E virou-lhe as costas, num movimento rapido, sahindo a correr.

O mulato contemplou-a até desaparecer; depois, descançando numa perna, tirou de traz da orelha uma grossa palha, alisou-a com o facão e, picando um pouco de fumo que tirou do bolso da calça, fez um cigarro. Accendeu-o na binga e, vagarosamente, foi descendo a trilha estreita, que, como uma cobra-coral, colleava um bosquezinho de goiabeiras, embaixo das quaes os gravatás eriçavam as folhas compridas, duras, bordadas de espinhos.

O crepusculo abrandava pouco e pouco a claridade do dia. Sua luz tibia vinha banhando suavemente a terra; e tão branda que—obra invisivel de mysterioso pintor—

parecia haver um pincel occulto, passando delicadamente pelo espaço e carregando manso e manso as côres, como se a mão que o detinha quizera fazer, na tela de crystal desse claro dia sertanejo, um fundo azul escuro.

Atravessado o pequeno bosque, Philippinho sahiu num vasto campo, e, descendo sempre, foi ter á praia do correjo, já frouxamente alumiada pelas estrellas. Semelhava de longe, na profusão do cascalho claro, onde se destacavam os seixos escuros, uma colossal rêde de pesca estendida ao sereno.

O correjo defluia múrmuro e harmonioso — doce pratica, quérulo idyllio, ou, talvez, bem travada porfia de accórdes, na côrte da Mãi d'Agua.

Philippinho vadeou o Lontra e, subindo o morro fronteiro, desapareceu.

—

No dia seguinte, á hora marcada, estava o mulato em cima do barranco, ao pé da lobeira da margem do correjo, no logar chamado Lageiro de Cima.

Anna appareceu nesse dia, como sempre, asseçada, com a saia de uma limpeza sem

par. Trazia nos olhos um brilho estranho; seus olhares pareciam ferir como os espinhos dos gravatás, sobre os quaes ella extendia algumas vezes a roupa.

E' que o ciume lhe trabalhára a alma todo o tempo decorrido desde a vespera. Andára assumptando e chegou á conclusão de que o escolhido de seu peito a trahira com a Candinha do Fundão.

— Onde esteve hontem, perguntou *ex-abrupto*, depois que me deixou ?

— Você está caçoando, Anna; pois onde é que eu vou quando a deixo? Não é para o meu rancho, lá para os lados do Espirito Santo ?

— Mas você passou no Gorgulho e esteve em casa de Sinh'Anna, tanto que quiz cinzar á Valú, porque você bem sabia que ella vinha me contar quem lá esteve a brincar com a Candinha.

— Eia, eia, eia ! Já Anna começa ? Olhe ! Quer saber de uma cousa ? Diga á Valú que venha sustentar isso á minha vista ; ella ha de saber «para que é que tatú cava». Se você pega com essas bobagens, eu me vou embora, e já.

Continuaram ainda a dialogar com ceito azedume.

Anna era orgulhosa. Amava a Philipinho, julgando-o todo seu, della só. Reconhecia-se uma mulata honesta, trabalhadeira e bonita; não era para qualquer uma regateira lhe tomar o noivo.

Entretanto, eram infundados seus receios.

Quando sahiu daquelle logar, começou a banzar, procurando um meio de se vêr livre da pretensa rival. E no cerebro encandecido da mulata principiou a crepitar uma labareda de idéas ferozes, filhas do seu sangue e da sua educação. A tenra e voluptuosa mulatinha cedera o passo á urucuyana selvagem—cangussú farejando um novilho para os filhotes famintos.

—

Ao amanhecer do outro dia, toda blandiciosa, convidava a Candinha a dar um pulo á Contagem, para trazerem uns cajús que Ambrosina lhe promettera. A outra tornou que não haviam de ir sósinhas.

— Allí tão perto ? Que tem isso ? Vamos no *mouro* de papai; é um cavallinho muito

bom e dá garupa. Antes do sol alto lá estaremos.

Acceito o convite, partiram as duas, de boa harmonia, conversando descuidosas.

Depois de uns tres quartos de hora de marcha, Anna, sem que a companheira o percebesse, saca de uma navalha e, vibrando-a com mão rapida e firme, corta a carotida á infeliz companheira, que estava unida a si, abraçada á sua cintura, na garupa do animal. Cahiram ambas, e Anna, não querendo que na estrada houvesse grande marca de sangue, encostou os labios ao lugar de onde irrompia aos cachões, e, carnivora esfaimada, chupou, chupou por muito tempo, carregando, depois, o corpo da desventurada para bem longe, onde um desses precipicios, cavados pelas enxurradas, recebeu-o no fundo de sua fauce.

Não foi mais á Contagem, nem voltou á cidade. Desse logar mesmo sahiu á procura de Philippinho, desvairada, fustigando o animal, bracejando como os selvagens noctivagos de que fala um romancista, quando pilhados pela luz do dia. O pello finissimo, imperceptivel quasi, que lhe cobria

os braços como poeirazinha de ouro fosco, eriçára-se todo, arripiando-se como cerdas de caeteté. Os olhos negros, desmedidamente abertos, parecendo olharem através de um véo de sangue, tinham a expressão ao mesmo tempo pávida e feroz de marrã bravia perseguida pela matilha.

Assim galopou até ao Espirito Santo, onde o tugurio de Philippinho se erguia quasi á beira do corrego, mesmo junto de um perau. As aguas tinham ahi uma collocação escura, carregada ainda pela sombra dos ingazeiros, cujos ramos se debruçavam para dentro do poço, mergulhando nelle as vagens cheias da pólpa doce e branca, que as curumatãs vinham beliscar.

Deparando-se-lhe o mulato, a pouca distancia do seu tugurio, sentado tranquillamente á sombra de uma arvore, a tecer chapéos com a sêda do burity, Anna gritou-lhe de longe que a seguisse, que fugisse com ella, pois nada mais a prendia áquella terra.

Estupefacto com o seu apparecimento naquellas paragens, Philippinho não lhe pôde comprehender as palavras. Entretanto, ella, arquejante, com os labios

tintos de sangue e o olhar torvo, ejaculava :

— Monte ! Vamos para as Trahyras, que os soldados querem prendel-o !

—

Muitos dias depois, na grande estrada real das Trahyras, uma escolta de cavalaria de policia, armada de revólveres e espadas, encaçava criminosos.

Anna e Philippinho eram tenazmente perseguidos.

O cadaver da Candinha fôra descoberto, e a fuga dos dous amantes, ligada a mil outros indicios, os havia indigitado como auctores do crime.

A solidão das selvas, a perspectiva do perigo a cada passo, as fadigas das jornadas e vigílias, transfundiram numa aquellas duas almas. O noivado desses dous rebentos opulentissimos da exuberancia tropical se havia celebrado como o do jaguar, no meio das mattas, á voz melancolica dos jaós, á sombra densa de uma imburana.

A escolta, com o Marianão á frente, foi topar os fugitivos na estreita ponte sobre o rio Trahyras.

Philippinho, ao dar com os soldados, antes de chegar á ponte, encostou-se ao tronco de uma arvore e esperou o assalto, acuado como tigre prestes a empolgar a presa.

Os dous tinham vindo a pé.

Marianão deu-lhes voz de prisão.

Philippinho não respondeu.

O cabo e seus companheiros desmontaram, marchando em seguida sobre o mulato, em cujo braço robusto refulgia a lamina de um facão, sua unica arma.

A poucos passos de Philippinho, fizeram alto os soldados, e Marianão intimou-os a se renderem, aos dous foragidos. Philippinho deu um salto para a frente, ao mesmo tempo que se ouviam estampidos de tiros.

Dous corpos tombaram pesadamente, e os soldados recuaram, vendo o Marianão varado pelo facão de Philippinho, que cavalgava o valente soldado, estendido de costas. O mulato, debruçado sobre o corpo do soldado, mordia-o, esfaqueava-o, misturando com o delle o sangue da propria ferida.

Anna saltára, rangendo os dentes, qual *canella ruiva*.

Defrontando os outros soldados, ella déra costas a Philippinho e Marianão, cujos corpos se haviam como que misturado nas convulsões da agonia.

Anna estava desarmada ; mas, com o busto inclinado para deante e os dedos das mãos recurvados como garras, prompta se achava para a defesa.

Novo estampido se ouviu.

A rapariga levou a mão ao seio e não poudé sopitar um grito terrível, um rugido antes, que ecoou pela matta.

Recuou dous passos e tombou, ao través, sobre os corpos de Philippinho e Marianão.

Um bando de gralhas do cerrado, de plumagem azul escura, passou alto, desferindo seu grito intercadente, longo, mais semelhante a uma gargalhada.

Ao longe, na orla do campo, perdizes piavam tristemente.

A' beira da matta, num chavascal de cambaúbas, duas juritys, que os tiros haviam amedrontado, arrulhavam com ternura, aconchegando-se.



MANUEL LUCIO





TRABALHADO de dores, com a ruga da frente aprofundada pelo pensar fixo — refolho onde descobria o observador talvez a magua dorida, a tensão do espirito em desfibrar um sentimento radicado — era ainda elegante como um joven xéque beduino, no seu pallôr amorenado, na morbidez do olhos pardo-escuros, na vibratilidade do corpo esbelto e no lucto negro dos cabellos.

Vagava pelos campos—campeiro que era—em seu pangaré fogado como um *mustang* do Mexico, açulando-lhe, só com o retinir das esporas de ferro batido, o ardor na perseguição do touro selvagem até dentro dos algares que abeiram o rio. E assim cavalgado, com o chapéo de couro macio ourelado de marroquim e cheio de

bordaduras na copa; o jaleco estreito e curto, deixando a descoberto o talim amarelento de onde pendia o terçado robusto; as amplas botas de couro de sucury — era casquilho, devéras, o filho de José Paes, deste que, havia 30 annos, se metterá com outros bandeirantes até áquellas regiões que o rio das Almas banha.

Ainda não havia cessado a faina descobridora dos arrojados aventureiros, e o seio da terra gemia fundo com o zum-zum desse formigueiro, que se alastrava no sub-solo, á procura das folhas preciosas do ouro.

Abriam-se porticos gigantescos nas fraldas das serranias, arcadas magestosas se rasgavam, e uma luta épica travava-se ahi entre estes heroes obscuros e a rigidez impenetravel das fragas — temerosa, perseverante, cheia de heroismo essa peleja, onde os titães eram homens como nós outros, desaparecendo esquecidos, apenas lembrado o seu porfiar constante pelos despojos cheios de magnitude que se nos depaeram nas viagens pelo interior.

Já, então, uma aldeia se ia formando, iam se estabelecendo os mais ricos e uma ou outra fazenda — tal a de que vamos falar

—erguia-se ridente entre as campinas alfombradas — branca, ouriçada de cruces na capellinha rustica e nos curraes, semelhante na perspectiva azul alguma náu capitanea pojada no remanso de uma bahia.

Uns coqueiros de indaiá, uma gamelleira arrochando com suas raizes-tentaculos os moirões, a frente da casa alpendrada, o oratorio de côr nebulenta na sala de jantar um pouco escura, bancos grosseiros de madeira com altos recostos,—tudo austero, meio claustral, até o lenço de seda que, lançado á maneira de capuz de burel, emmol-durava um rostozinho mosarabe, sadio e fresco como o dessas hebréas juvenis que trazem os pintores em suas télas sobre o grande exodo do Egypto.

*
*
*

O sr. guarda-mór das minas, Vasco Antonio Fernandes, sua esposa Emerenciana de Jesus Correia Fernandes e sua filha unica, D. Barbara — a Barbinha —, segundo o habito antigo, estavam reunidos no alpendre, de palito á bocca os velhos, saboreando o pospasto de ha pouco, á hora em que os vaqueiros, revezando-se de dia em dia, trazem

ao curral as manadas de vaccas e os lotes de eguas a serem inspeccionados pelo dono.

Uma nuvem pulverulenta ergueu-se ao longe, no carreiro que cintava a encosta como um talabarte polyphemico, e o bando resfolegante de animaes appareceu d'ahi a pouco, pinoteando, relinchando, com os olhos esbrazeados, de tropel pela porteira a dentro.

Mais atraz, tangendo de longe a cavallhada, vinha o Manuel Lucio, a cavallo, de laço á garupa e um bacamarte atravessado sobre o bico da sella.

— Que é do Camurça ?

— Ficou no logradouro.

— Meu cavallo não o vejo nunca, retrucou a Barbinha; nem sei se essa gente trata delle.

— Espirrou do lote quando eu juntava os outros, e eu só não podia ter mão em todos ao mesmo tempo, tornou o campeiro.

— E' assim sempre.

*
* *

Tendo vindo no bando de Vasco Fernandes, ao tempo da expansão dos filhos de Piratininga, ligára-se-lhe para sempre José

Paes, até que, morrendo accidentalmente, deixou ainda criança o filho aos cuidados do amigo.

Criado em meio desse labutar, tendo ainda nas veias o cálido sangue de sertanista, intelligente e activo, porém taciturno, captára Manuel Lucio Paes a inteira confiança do guarda-mór; administrava-lhe a fazenda com dedicação e fazia o serviço de campeiro, que, no entanto, é estimado pelos proprios fazendeiros e seus filhos, os quaes não julgam indigno de si o correr os campos, varar os boqueirões e tableiros, de laço á garupa, ferrão em punho.

Nos seus vinte e tres annos, a alma se lhe desabotoára generosa e austera, aferrada aos antigos principios de honra cavalheiresca, de um melindre delicadissimo.

Insultado, por dez que fosse, julgava-se obrigado a tomar desforra alli mesmo.

Professava um respeito religioso por tudo quanto lhe vinha dos ascendentes — usos e palavras, factos e acções. Os amigos de seu pae eram os seus proprios, e julgava-os um prolongamento da pessoa querida que já levára a morte.

Na defensão e cuidados da fazenda do guarda-mór, diria como D. João de Castro — «por uma pedra da fortaleza d'El-Rey, arriscaria um filho.»

Altivo, orgulhoso, mas tímido nos modos, não soffria seu orgulho que alguém o achasse ridiculo, a elle, Manuel: eis porque era taciturno, pouco amaneirado e cheio dessa original timidez, onde por força havia desconfiança.

Às vezes, quando o embalava o rhythmo cadencioso da marcha a cavallo nas longas excursões pelo campo, cantarolava a meia voz, com os olhos perdidos no espaço, uma trovazinha do Sertão :

Morena, meu bem, morena,
Morena de meu amor!
Porque assim você me engana
A fingir-me esse rigor?

E soffria — o Manuel Lucio; torturava-se por introversão, analysando sua vida de uns annos para cá, desfibrando os sentimentos radicados, distendendo-os, como se quizesse com o duro plectro de sua analyse ferir as cordas dessa gusla suspirosa. Tirava, em suas excogitações, o aparelho

da ferida para examinal-a com o bisturi de um raciocinio feroz; encadeando os factos, revolviam-os, escarpellava-os, e a ferida se aggravava, e accentuava-se a dôr moral, e a alma, constringida, porejava o sôro de um soffrer cruciante.

Criado ahi, no meio dessa natureza selvatica, crescido ao sopro de um ar purissimo, robustecido com os habitos tonicantes do sertanejo, livre como o enorme espaço despovoado por onde podia bater a pata de seu corcel, e que, á força de ser grande, lhe parecia indefinido, não podia deixar de ser independente, pois não encontrava tropeço á sua liberdade, senão no que lhe viera enraizado por herança, temperamento e educação — e isso era o respeito, a obediencia a seu pae, á pessoa deste prolongada na daquelle que amára e venerára em vida.

Quando se lhe desabrochou a mocidade, tão cheia de louçania, era natural que lhe rebentasse no seio o amor, como no favo maduro da jatahy o delicado mel.

Prendera-o a filha do guarda-mór, com seu rostozinho mosarabe, fresco e viçoso, seus olhos buliçosos como dous pôtrinhos

bravos, o nariz um pouco recurvado e os labios finos, seu tanto arqueados, trazendo a um canto estampada como que a expressão de um desprezo eterno.

A expressão de um desprezo eterna ! Por elle, para elle ? Ignorava-o. Amal-o-ia ? Não era crível. — « E' um és-não-és soberba », dizia elle. — « E eu », pensava, « estou como quem passa um fundo grottão sobre o tronco da umbaúba que a ventania derribou: ora pendo p'r'aqui, ora p'r'alli, nutando no ar, procurando o equilibrio, e assim até vencer a perigosa pinguela, vingando a barranca opposta. Mas esta, não a encontro, por desgraça !

« Dizer-lhe tudo... e que pensaria ella ? Apodava-me de especulador. O pae tem-me confiança; mas, confessar-lhe... e o ridiculo do dia seguinte, quando ella soubesse ? Não sei; nunca me deu provas; não posso tentar sem passar por doido para uns, atrevido para a outra. E' o diabo ! Não posso ! E, no emtanto... Qual, não era nada; estou treslendo. Mas... »

E o orgulho, o amor, a altivez, a dedicação aos principios, como quatro guerreiros

esforçados, mediam-se, mediam-se, antes de travar-se a luta.

*
**

Houve um levantamento de mineiros — índios e negros, insuflados por alguns despeitados contra o guarda-mór; rixas que sempre houve, e muitas, no coração do Brazil; ferozes lutas de famintos que eram, mas da *auri sacra fames*.

Avisado logo, aprestou-se Vasco Fernandes para a defesa, pois a gente vinha alvorotada.

Manuel Lucio, com vinte companheiros, postou-se em uma cêrca, no flanco esquerdo da casa, junto dos paiões, cortellos e celleiro, onde mais damno poderiam fazer os amotinados. A casa estava em armas, o alpendre transformado em baluarte, e uma descarga de mosquetaria recebeu os assaltantes.

Depois de fogo parte á parte, um bando destes consegue metter-se no paiól pelos rombos que fizeram na parede a machado.

Manuel Lucio estava na outra extremidade, sustentando o embate do grosso

do grupo que para ahi se destacára a occupar-lhe attenção. Subito, começaram as balas a varejar a casa da fazenda, arrebetando algumas janellas lateraes. Abrigados no paiol, que só da parte de fóra era murado, sendo a frente interior formada de vigas de páus a pique unidas, pelas frinchas do madeirame assestaram as armas e faziam um estrago terrivel.

Tendo já arrebetado janellas com successivas descargas de clavinote, iam retirar-se lançando fogo ao paiol para cahirem, depois, sobre o grupo de Manuel Lucio, quando surge este do lado esquerdo dos sitiantes entrincheirados, rompe um lado do madeiramento com dous negros robustos e dá sobre os indios que ahi estavam, deitando por terra tres a golpes de terçado e obrigando os outros a evacuarem o paiol pela abertura que haviam praticado na parede de fóra.

No meio da luta, recebe um tiro, que o prostrou em terra mal ferido. A custo, levantou-se, ordenou rapido a tapagem do rombo com couros e pedras e não pôde mais continuar no posto, sendo, então, conduzido a braços para o corpo da fazenda.

Entretanto, a polvora de cá era em grande quantidade, e os assaltantes, desanimados com a tenaz resistencia, abandonaram a empreza, deixando cêrca de trinta mortos no campo.

*
* *

Tres dias depois—incendia-lhe o corpo a febre—cahira a fazenda no estado de quietação costumeira, e a justiça barbara daquelles tempos e logares havia chamado a si os villões revéis.

Manuel Lucio desvairava; e ás vezes, entre o leve sussurro das casas onde ha doentes graves, entre o ciciar das vozes segredando-se, o canto estridulo de um gallo a espaços e o ladrido de um cão ao viandante que se approxima, o ferido cantarolava, em seu delirio, a trovazinha sertaneja:

Morena, meu bem, morena,
Morena do meu amor!
Porque assim você me engana
A fingir-me esse rigor?

Morreu.

E depois, muito depois, quando, pelo careiro que cintava a encosta ao longe, soava

magoada a voz de um vaqueiro que se recolhia, dizendo — morena, meu bem, morena! — os olhos da Barbinha, buliçosos como dous pôtrinhos bravos, amorteciam-se, como se passára deante delles a aza branca de uma saudade, ou o mésto crepusculo de um remorso.



PAIZAGEM ALPESTRE



A Augusto de Lima



NINGUEM póde, ninguém que tenha alma sensível aos espectáculos da natureza ou á poesia das éras já mortas, poderá deixar de recolher-se, de concentrar-se em fundas cogitações ou em caroaveis devaneios, ao vingar a grande vertebra do Espinhaço e seguir por ella afóra, numa estrada que lembra aquella outra de quatrocentas leguas, feita no Perú, sob as Incas.

Lá no alto, a gente sente-se meio desprendida da terra e— não sei se por alguma lei psychologica o espirito se alargue e o orgulho augmente á proporção das emnencias vencidas—o certo é que um frenesi de subir, de arrancar das nuvens o segredo de alguma cousa extranha se apodera de nós: a muitas vezes humilde e fatigada

285330

montaria se transforma em hippogrypho e estamos já a correr o risco de uma queda pelo despenhadeiro, quando os ventos estouvados nos arrebatam o chapéu brutalmente, punindo-nos por os termos surpreendido lá onde elles encaçam uns aos outros, como alegres foliões, brincando em liberdade, ou concertam á socapa as temerosas investidas.

Então, os olhos vêem ; e quem Xavier de Maistre chama simplesmente *Ella*, desce á mansão habitual e consente que os sentidos transmittam as impressões do exterior.

A principio, uma sensação de vacuo, uma idéa de páramo nos confunde e atemorisa ; depois, uma symphonia extranha, ouvida vagamente, vinda de longes ignorados, nos acaricia os nervos, arripiando levemente a pelle ; pouco a pouco, as cousas exteriores vão tomando uma fórmula, quasi ideal ainda : o perfil de uma montanha longinqua mal se esboça, confundida com a desfilada de um exercito, de bandeiras desfraldadas, com elephantes em marcha, cobertos de xaireis pendentes e bambolins de ouro. A vegetação dos morros distantes parece as cerdas arrepelladas de algum monstro

e as cascatas, serpentes enormes de dorso luzente, que vão descendo preguiçosamente a desalterar-se no rio que corre em baixo.

Mas um cavalleiro assoma num coto-vêllo da estrada; o gado que pasta alli por perto se assusta e foge; os gaviões que voavam baixo libram-se aos ares; uma centena de passarinhos, animados pelo numero, os escarmentam a bicadas, e o cavallo relincha ao avistar o outro.

A phantasia despede-se de nós; foge na aza do gavião que frecha os ares á corrimaça dos passarinhos.

— Como vai, amigo ?

— Bom, para o servir, patrão.

— Ainda que mal pergunte, não estaremos errados ? E' este o caminho do arraial ?

— Estrada batida, meu patrão; não tem errada: é seguir toda a vida.

— Adeus! Obrigado.

— Não seja por isso. Até á vista, se Deus quizer.

Um toque nos chapéos e esporas nos cavallos; os cavalleiros se afastam para lados oppostos. Um cigarro acceso e umas fumaças puxadas á cadencia da marcha pela estrada.

Logo depois, a cavalgadura começa a vacillar num terreno pedregoso, de pedras roliças.

A estrada corre á meia encosta e, de um lado e de outro, vê-se a natureza convulsionada; enormes penhas escuras, espalhadas a cavalleiro do caminho, parecem avançar ameaçadoras; algumas já ruiam no meio de horroroso fracasso e outras caminham lentamente, para ganhar impulso que as precipite no algar, ao fundo. Pequenos troncos enfezados, retorcidos, parecem em desespero aos approxes da lucta pavorosa. Nas suturas das rochas, pelas bréchas dos lançantes, escorrem teimosos fios d'agua, que vão delindo a rigidez dos blócos e filtrando-lhes no imo a furia com que arremettem uns contra os outros.

— Pobres troncos enfezados que debalde vos contorceis de angustia na previsão de vosso proximo estraçalhamento! Em vão clamais socorro na vossa compostura tragica e muda! Ninguem vos arrancará dahi. Quem mandou o vento trazer o germen de que sahistes? Quem vos mandou agarrar-vos á vida tão tenazmente, e espalhardes as raizes e as mergulhardes no subsolo

e caçardes, com mil boccas famelicas, no fundo dessa terra ingrata, um pouco de seiva para essa vida mesquinha ?

Os lichens e os fetos bravos riem-se das pobres arvores amedrontadas ; trepam pela escama dos penedos, agarram-se a elles como insectos damninhos e viçam e triumpham e desafiam a ira dos petreos monstros, certos de que, ainda quando esmagados, crescerão de novo, de novo receberão o orvalho da noite.

A estrada vai tombando aos poucos. Os seixos roliços augmentam e os filetes d'agua, recuando, fugindo, contornando esta pedra, vingando ess'outra, depois de formarem poças, vão se ajuntando aos poucos para fazerem as nascentes dos grandes rios.

— Quanta perseverança, quanto obstaculo vencido, que trabalho insano, incalculavel, pequeninas gottas, para vos reunirdes aos poucos, permeando as grossas camadas de terra, tecendo — animalculos invisiveis — uma trama delicada e bem composta, que se vai enredando cada vez mais compacta, até que o ultimo torrão se dilúa e possais cantar ao sól o hymno glorioso de uma

victoria tão bem pelejada! E' de ver-se então o murmurio alegre com que os regatos se formam e as fontes claras retoçam, pompeando ao sol o seu dorso prateado!

Prodigiosa força de attracção que chama de cá e de lá aquellas duas cellulas imperceptiveis e as vai levando até ao oceano, onde, mais tarde, quem sabe se o sol não as vai buscar, cheias de saudades dos montes e da lucta!

Neste ponto a montaria, bufando, procura um chafariz de compridas lages de pedra afincado no barranco da estrada. Lê-se uma inscripção :

M D C C...

Governando estas minas

Dom.

O fez

Por munificencia d'El-Rey

E bem

Dos

Povos da Capitania

* *

Eis-nos chegados ao fundo da bocaina.
Na encosta acclive, chamalotando o verde do capinzal, casinholas de paredes barreadas

soltam pelos suspiros do telhado tenues columnas de fumo. As bananeiras abrem suas palmas, onde melros negros afinam as gargantas para uma entusiastica abertura. Uma mancha de um verde mais tenro denuncia as terras cultivadas e as plantações. Vamos nos acercando e descobrimos lá, curvados sobre a terra fecunda, uma fila de enxadeiros.

Cantam.

Que toada sentida! Também soffrem esses homens robustos, sob cujas mãos a terra generosa se desentranha em fructos e para quem os melros modulam seus trenos?

« Pomba do matto seu ninho

Dentro da moita escondeu ;

— O gavião os filhotes

Lá mesmo dentro comeu !

Meu coração socegado

Dentro do peito batia ;

De lá mesmo foi tirado

E posto aos pés de Maria !

De que serve, passarinho,

Ter azas e pennas ter,

Se lá em cima nos ares

Gavião vai te comer ?

Meu coração quiz voar
Quiz fugir qual passarinho...
Tu viraste gavião
E comeste o pobrezinho ! »

— « Ai mulher ! ai gavião !
Dae-me um outro coração ! »

O rhythmo choroso magoou-me o peito
e eu entrei a scismar...

Subito, chilros, pipilos e pios estridentes
dão-me accordo de mim : e eu vi nos ares,
fugindo arremangado ao passaredo em
chusma, o gavião traiçoeiro.

As avezinhas, aos centos, esvoaçavam
sobre o abutre, bem alto, no azul...

Vingavam-se, os pequeninos..



DESAMPARADOS





oi no chapadão extenso que chanfra as cumiadas da grande cordilheira das Vertentes; naquelle ponto dos limites entre Minas e Goyaz em que o dorso da serra parece morder as nuvens baixas e aprumar-se para abrir leito ao remansado Parahyba.

Passava como peregrino por aquellas paragens ermas, tão cheias de soedade e de belleza, cuja contemplação levanta o espirito á indagação dos grandes problemas cosmogonicos.

O vento cabriolava pelas campinas solitarias, carregando pannos de neblina, que se afunilavam, extendiam-se em amplos mantos de arminho roçagantes, ou voejavam ao longe, na commissura do horizonte,

quaes brancos albornozes numa escapada de cavalleiros do deserto.

Pelas fraldas dos morros, cingindo-os, bordando os valles, em cujo fundo se espreguiçavam paúes somnolentos, o buritizal erguia suas verdes frondes, tão lavadas pelas chuvas e tão brilhantes, que se affiguravam magestoso gorjal de pedras finas.

Ahi, neste quadro grandioso, em que tudo era magestade e pujança na natureza, deparou-se-nos caminheiro singular, mo-fino e rachitico, mal coberto por um esburacado chapéo de palha e uns farrapos de algodão encardido, que estavam a calhar naquella pelle cheia de lividez.

Era uma pobre creatura incompleta, insexual, nem menino, nem homem, cujo rosto chupado tinha uma expressão de contrastadora alegria, nos labios descarnados que nem podiam se unir, nos olhos pequenos e admirativos que nos esguardavam como a cousas exóticas.

— Um bandeira! bandeira! — gritou o misero e, espigando-lhe a estatura exigua, levantou a cabeça, abrindo os braços em menção de quem quer abraçar. De seu magro pescoço desceram sobre a pelle do

peito adusto e arrepanhado rosarios e bentinhos.

— « Tá lá o bandeira! »— acabou assim de exprimir o que queria dar a conhecer ao viajor, que eu era, pela mesma menção de abraço, e apontou, depois, para a fralda do morro onde balouçavam as frondes do buritizal. Tinha visto um grande tamanduá. Depois, deu uma gargalhada e continuou pela estrada afóra, tartamudeando palavras, cortando-as com risadas extravagantes, que mais pareciam vozes animaes.

Acompanhei vagarosamente aquelle ente mirrado, tão contente na sua insciencia, tão forte na sua nenhuma força, que mais se annullava deante da natureza pujante e infinita que o circumdava.

Perdizes piavam tristemente pelo campo chorando o tempo em que viveram nas matas, onde abundam os fructos e cantam as fontes crystallinas. Conta a lenda que d'ahi as expelliram as jaós numa guerra cruel, cuja memoria umas e outras conservam no seu pio lamentoso ou no inolvidado desafio.

Mudo, no meio do escampado, e compadecendo aquella miseria humana, eu seguia

com os olhos os movimentos daquelle ente sem ventura, inquerindo por que motivo as feras o haviam poupado em suas monterias ou os coriscos no meio das tempestades.

Foi então que o idiota, dando pulos de contente, mostrou no meio de uma mouta um casal de pequenas perdizes quasi implumes, pipilando, batendo uma na outra os côtos das azinhas.

O ninho estava desamparado á beira da estrada e tambem o tinham poupado as enxurradas, em torrentes, nesse tempo de grandes chuvas, e as raposas em sua ronda da noite.

Tambem os mesquinhos e desamparados encontram caricioso aconchego no seio largo da natureza infinita.



A VELHINHA



A José Braga.



UANDO, já não me lembra ; mas foi em tempo que vai longe.

Passeiava uma tarde por uma rua solitaria de pequena cidade em ruinas. Ao deffrontar uma casinha de gelosias abertas, mergulhei o olhar indiscreto nas paredes interiores, onde me pareceu divisar télas antigas — magnificas talvez — esquecidas alli, ou, melhor, poupadas á profanação de algum adélo pela providencia bemfazeja de uma lembrança querida que ellas representassem.

Nesta nossa terra, onde as tradições tão depressa se apagam, tão cedo se esquecem as velhas usanças, — o encontro, muito raro, de algum objecto antigo tem sempre para mim alguma cousa de delicado e commovente. Moveis ou télas, papeis ou

vestuários—na sua physionomia esmaecida, no seu todo de dó — elles me falam ao sentimento como uma musica longinqua e maviosa, onde se contam longas historias de amor, ou se referem dramas pungentes de não sabidas lutas e miserias.

O espirito se compraz, então, no tecer uma trama de romance ou de tragedia, em que cada um dos velhos objectos vive na vida de mil personagens evocados ; uma longa estrada, sinuosa e branca, se rasga para o paiz do sonho, e a alma, seguindo-a, deixa embalar-se, como Leilah, ao som de guslas, ou á plangente harmonia das bal-ladas.

O certo é que, ao perscrutar as paredes escuras de uma pobre salinha, pela janella aberta sobre a rua, não só télas descolóridas, como um antigo cravo, primoroso na fabrica, incrustado de bronze e ornado de finos lavores de talha na madeira negra — me prenderam de todo a attenção.

— Restos de uma grandeza extincta ! que triste fadario vos impelliu ao casebre mesquinho de quem, por certo, vos não conhece a historia nem o valor ? Cravo centenário ! que languida açafata ou melindrosa

sinhá-moça esflorou o marfim de teu teclado desfiando o rhythmo grave de uma dança solarenga, ou, a furto, a denguce feiticeira de um fado villão ?

Isto pensando, aderguei a uma pequena porta ao lado, cuja aldraba a mão ergueu involuntariamente. Neste ponto, o sonho começado interrompeu-se e eu, desconcertado, verifiquei a indiscreção daquelle passo. Nova reflexão succedeu a esta : um pouco daquelle fatalismo a que o grande Loyola entregou a solução do primeiro problema de sua vida de peccador já redempto e de seareiro de Deus no grande agro do mundo.— Ora, se cá vieram ter meus passos, não será sem alguma funda causa ignota. Entremos.

Bati algum tempo e, não acudindo alguém de dentro, entrei sem mais cerimonia. Puz-me a examinar um quadro a oleo com uma velha moldura de madeira envernizada ; representava dom João V quando infante, na posição e na idade. Era uma criança loura, de rosto vivo, vestida de camisola de seda branca com uma larga faixa azul ; tinha na mão esquerda, a modo de menino Deus, um orbe, e, na

direita, um sceptro de marfim. A um lado, sobre uma grande almofada de velludo côr de granada, fulgia o escudo d'armas dos Braganças.

Passei ao cravo e admirei a perfeição do puro estylo Luiz XV, artificioso, arrebiado, mesureiro, revelando no bem acabado da minucia, no trabalhado do pormenor, as mil regras da etiqueta do tempo.

Na grande taboa inteiriça do fundo, sob o teclado, avultava um bello corpo de Baccho, coroado de pampanos, trazendo nas costas, em fôrma de manto regio, uma grande pelle de tigre. Aos cantos, anjinhos anafados, com cintos de rosas cahindo-lhes nos quadris roliços, abraçavam os fustes de columnazinhas e tocavam com os pollegares estendidos as folhas do acantho, como se esforçando por colhel-as.

Um leve ruido fez-me voltar o rosto e ver, então, emmoldurada pelas ombreiras da porta, ao fundo, uma extranha figura de mulher, vestida de algodão muito branco, com o torso pendido a uma dôr intensa, sopitada a custo, e a physionomia cançada, emmurhecida, repuxada de rugas, onde mal se advinhavam os olhos

sem brilho, quasi inexpressivos, a não ser um *quê* muito fugaz de carinho, que nelles boiava ainda como uma flôr desprendida da haste e já quasi fenecida, fluctuando na superficie de um lago dormente.

Meio admirado, meio constrangido, por ter penetrado, sem mais nem menos, naquella casa desconhecida, dirigi-me para a mulher e balbuciei:

— Perdoe-me a confiança. Tinha andado muito pela cidade e estava com uma sêde... Bati; não vendo gente, entrei assim mesmo. Perdoa-me a confiança, não é?

— Sente-se, nhonhô; vou buscar a agua — disse-me ella com voz trémula, e sahiu, querendo fazer-se pressurosa, arrastando pelo chão as chinellas de couro.

Ao voltar sobre os passos para entrar no interior da casa, pareceu abafar um gemido... E lá foi, apoiando-se ás paredes do corredor, sempre curvada, premida sempre por uma dôr que seus labios não diziam, mas seu aspecto nos contava de modo a fazer pena.

Sentei-me num catre grosseiro, mesquinho, cujo assento era um tecido de couro crú, destoando do cravo, tão elegante, tão

aristocratico, que até evocava requintes de luxo e de galanteria numa côrte já morta.

A mulher demorou-se um pouco, polindo, talvez, o crystal de um velho copo ha longo tempo fóra do uso.

Quando voltou, corri ao seu encontro, por evitar-lhe alguns passos mais, e, enquanto bebia, demorei a vista sobre aquelles restos venerandos de uma — quem o sabe ? — talvez extincta belleza.

— Agradou-lhe aquillo ? perguntou-me, apontando para o cravo. Foi da casa de meu sinhô,

— Mas que é dos filhos ou dos netos de seu sinhô ? Elles não quizeram ficar com isso ?

— Elle não deixou filhos — accrescentou a velha com voz sumida.

— Ah ! não deixou filhos ...

Ella abanou a cabeça e ficou alguns momentos de olhos abertos, vagos, vagos...

Eu, fingindo não perceber sua commoção, levantei a cabeça : deparou-se-me, então, dependurado num torno de madeira, um chapéo de homem.

— Mas a senhora tem um filho, não é ? Seu filho faz-lhe companhia, não é assim,

minha tia? Está trabalhando fóra com certeza.

Do tamborete de couro onde se tinha sentado, a velha surprehendeu-me o olhar; levantou os olhos tambem, mas baixou-os logo, escondendo o rosto nas mãos.

Esteve assim muito tempo... Depois, como que continuando um periodo já começado, disse:

— Coitado! assim desamparado... ninguem sabe!... Nem o consolo de um lugar bento...

— Como!?

Ella fez-me um gesto, e por elle comprehendí que seu filho era louco. Depois, quasi por monosyllabos, me fez comprehender que o desventurado, sua unica alegria, apesar de enfermo da mais triste das enfermidades, — desaparecera de casa havia mais de dez annos, sem que se soubesse até então de seu destino. Era crença de todos que fôra arrastado pela corrente do rio ou tragado por algum boqueirão da serra. — « E acabou-se tudo! » — accrescentou. « Nem mais esperança, nem nada! » Depois, apanhou a barra da saia e nella tentou afogar o pranto.

— Que pagina sentida escrevestes, ó interpretes do coração humano, que dôa mais do que a só vista desse velho pergaminho mudo, engelhado no rosto da velhinha ! Essa dôr infinda e resignada, essa dôr desamparada e humilde naquelle despojo humano, é mais dolorosa do que a do mytho immortal de Prometheu.

Tomei insensivelmente uma das mãos da velhinha e beijei-a como a de uma mãe venerada.

O cravo ancião e o quadro do rei infante, representando as passadas grandezas, dizem como, através dos seculos, vencendo-os, sobrepujando suas glorias,— alguma cousa innominavel, mas sempiterna, pôde encontrar-se occulta na prece de um misero, ou no coração de uma velhinha.

Cheguei a saber então qual a causa ignota que me guiára os passos inconscientes á pobre casa de gelosias abertas.

E — não me envergonho de contal-o — sahi daquella casa com os olhos marejados de lagrimas.



A FUGA

FRAGMENTO DE UM CONTO HISTORICO



A Aurelio Pires.



ELAS estradas barrentas, no meio dos rugidos do temporal desfeito, quando a ventania disparava pelos campos em arranco de boiada, e, topando o capão além, constringia-o na medonha luta, ouvia-se, ao esmorecer das vozes do trovão, um tilintar de correntes, cadenciado, rhythmico, acompanhando o estrupido de passos fortes.

O viandante tresmalhado, ou o vaqueiro que se recolhia a deshoras, ebrio, das delicias do batuque, fugiria apavorado, julgando ver no som das correntes arrastadas a penitencia de alguma alma penada, — quem sabe se a do pobre Tristãozinho, espancado ha tempos, brutalmente, alli mesmo, á beira do rio, quando de volta da

casa de Paquinha, procurava desamarrar a canôa para a travessia ?

O tilintar das correntes, cadenciado, rhythmico, fugia, a pouco e pouco, pela estrada afóra, abafado a espaços pelo glú-glú das enxurradas, que, sopitadas nos caldeirões do caminho, estancavam, reunindo forças para se derramarem depois impetuosas, assoberbantes, pelos sulcos dos carros de bois até ao longe, ao grande rio.

Dous condemnados da Extracção, escravos reúnos, confiscados a seus donos pela Real Fazenda, aproveitando-se da tempestade, fugiam da rancharia, junto de uma gupiara á beira do correjo, onde eram obrigados a trabalhar para El-Rei, como galés, no serviço da mineração de diamantes.

Percebida a fuga, foi dado o alarma, pouco depois, ao som rouco de corneas buzinas, e a força de dragões avançou confusamente, dando descargas para aqui, para acolá; mas recuou logo, pela improficuidade da perseguição nessa noite tormentosa.

Os dous fugitivos porfiavam por metter aos sabujos grande espaço em meio.

— Não aguento mais, Isidoro !

— Agarra-te a meu hombro e vamo-nos embora. Olha que os fulares não tardam.

— Valha-me, Senhora da Abbadia!

— Não esmoreças, Bento. Estou te desconhecendo. Não pareces o mesmo cabra que aquelle dia tirou a scisma do macho ruão, no terreiro da Cacimba.

— Dóe-me tanto o peito, que me responde cá nas costas. E que descarga damnada! Os judeus me metteram uns dous balasios aqui no braço e na perna. Foi Deus que não os deixou acertar em lugar mortal. Por cima de tudo, a pontada, esse demónio de pontada perto da maminha, desta banda...

A marcha dos fugitivos enfraquecia. Já não era o mesmo pisar forte, seguido do ranger dos grilhões.

Abeiravam, então, o Jequitinhonha, cuja presença era indicada pelo estuar das aguas em plena cheia. Ouviam já o som cavernoso do rio, rolando formidavelmente, no meio dos ribombos causados pelas grandes arvores, arrancadas a custo pela furia da corrente, precipitando-se no abysmo das aguas com gritos despedaçados dos ramos e raizes.

Dentro do capão, denunciado aos tredos caminhantes por um grau mais intenso de sombra, tomaram folego, pavidos, baixando instinctivamente a cabeça com a sensação da grande massa negra, informe, que lhes pairava em cima. No pandemonio de sons e movimentos que se adivinhavam no bojo da atra escuridade, presentiam lutas supremas de troncos contra os estirões da borrasca, inundações de ninhos, dramas tragicos de animaes silvestres mortos pela quéda dos galhos e outros arrastados pelas enxurradas; uivos entrecortados de onças abrigadas nas lapas alcançadas pelas aguas, junto aos filhotes ainda aquecidos pelo calor materno; berros de sucurys despertando do somno costumeiro com as notas vibrantes e sonoras da tempestade.

Isidoro carregava já seu companheiro, arcando ao peso, roncando de esforço a cada passo, incerto, titubiante, no meio da estrada.

O vaqueano sentiu perto o rio e, nortear-do-se ao clarear dos relampagos, entrou á esquerda, por uma trilha de anta, que conduzia a uma grande rocha á beira d'agua, seu pesqueiro habitual em outros tempos.

Acocorou-se ahi com o pobre do compa-
nheiro, que nem falava mais. Suspirando
longamente, quedou-se, resignado, á es-
pera da madrugada.

—
Serenou a tormenta.

E, já na meia claridade da ante-manhã,
uma sensação subita de frio principiou de
invadir os miseros. Era a grande massa
d'agua, farrusca, ameaçadora, que grim-
pava a pedra, traiçoeiramente, como um
jacaré que se arrasta, subtil e feroz, na
algidez repellente de sua pelle escamosa,
querendo pilhar a presa durante o somno.
Espessa camada de neblina cobria toda a
superficie do rio, montando, da flôr das
aguas, pelas barranceiras acima, aos ramos
mais altos do matto frondejante. O tope do
arvoredo rasgava no alto o denso véo cin-
zento, que se esfarrapava, prendendo nas
pontas da galhada longas flammulas bran-
cas, arfando serenamente ás auras matu-
tinas.

Os tons rôxos do céu iam cedendo a uma
coloração de ouro tenuissima, que se accu-
mulava ao longe, na barra do horizonte,
onde o rio, num prestito triumphal de

pequenas ondas marulhosas, parecia perder-se no espaço illimitado.

Longas fitas de ouro e purpura cairelavam o céu na commissura do rio, sobrepondo-se parallelamente, até se afogarem no pélago de nimbus que refluia de onde se arqueava o firmamento.

— Eh lá! companheiro! Esperta e vamos embora, batendo matto pela beira do rio. Olha que enchente! Vigia: se nós cochilamos mais um bocadinho, a agua nos papava.

E, meio estarecido da longa quietação e do frio, Bento estremunhou, distendendo os braços com gritos de dôr das feridas.

— Assim, com esse inferno de corrente pesada, eu quasi não me posso mexer — disse Bento, batendo o queixo, apertando no corpo o timão de baeta já meio enxuto.

Isidoro lembrou-se, então, da lima finissima que lhe dera, ha tempos, o Chico Julic e de que se não pudera servir na precipitação da fuga. Começou a serrar vigorosamente o anel de aço que rôxeara o tornozelo de seu pobre companheiro. Depois, prendendo num gancho de ferro pendente do cinturão de sola toda a corrente, que

lhe subiu do pé pela perna acima, exclamou :

— « Vamos ganhar a estrada ! » E, suspendendo o companheiro por baixo dos braços :
— « Corpo duro ! Nós já desnortamos os fulares, que andaram bestando pelo matto. A chuva apagou os rastros, mas elles podem andar farejando por ahi; eu deixo para limar minha corrente na venda do Chico Julio ».

Iam começar a marcha, quando estacaram de chófre, estremecendo, com o estrepito de um corpo que cahia pesadamente na agua. Assumptaram algum tempo, mas ouviram logo outro ruido igual e, não longe, duas ou tres capivaras que se precipitavam no rio, assustadas com a presença de taes franduleiros nos seus dominios.

Tranquillisados, partiram, numa farfalhada de folhas molhadas e de taquaras que se quebravam, assustando as jaós, fazendo os nhambús occultar as cabecinhas no meio das folhas, levantando para o ar o uropygio coberto de frouxeis.

Queriam atravessar o rio a nado, fóra de porto frequentado, onde podessem ser vistos, mas a fraqueza de Bento fel-os hesitar deante da impetuosidade da corrente.

Encontrando, alfim, um espriado, onde a enchente, sem a constrictão de barrancos, podia pavonear suas forças, avassalando pacificamente, sem tropeço, os descampados, os fugitivos derribaram algumas piteiras, já meio seccas, cujas hastes se erguiam, ainda rectas e altaneiras, das touças em redor, e, jungindo-as fortemente com cipós em grossos travessões de taquarussú, improvisaram uma jangada.

Isidoro encontrou, arrancada pela ventania da vespera, uma folha de coqueiro, cujo talo lhe serviu de remo.

— Encommenda a alma a Deus e vamos embora. Tu não tens alguma oração contra enchente? Esta jangada é muito leve e nos aguenta, mas não por muito tempo, porque a pita encharcando afunda sob o peso. Segura bem, rapaz!

Cavalgaram a jangada e fizeram-se ao largo, demandando um portozinho na outra margem, muito embaixo.

Bento acurvou o busto, azindo fortemente a estiva.

Ao ganhar o fio da corrente, a jangada foi fortemente impellida para baixo e Isidoro começou a lutar a grandes remadas,

para approximar-se da margem opposta. Então, jangada e tripolantes se confundiram, se unificaram, semelhando, no movimento que se lhes percebia, o dorso mosqueado de um suruby, retouçando ao sabor da correnteza.

Quasi não se lhe notava a marcha, mas sentia-se que um esforço vivo e intelligente, terrivel e heroico, lutava contra a força esmagadora da natureza omnipotente.

Conseguiram vingar o portozinho, que era antes um bebedouro de animaes.

Sahindo d'agua, tiraram os chapéos de couro e puzeram as mãos, levantando os olhos aos céos, em profundo reconhecimento pela salvação ; já não temiam os fulares, nem os tiros de reúnas.

A jangada que tinham abandonado lá foi, boiando sempre, topar uma grande arvore esgalhada, fluctuando tambem. Outros ramos se lhe foram juntar e mais uns restos de macégas e garranchadas, que formaram um batel selvagem, todo franjado de espumas pardas, no qual pousava ás vezes um martim-pescador, soltando gritos estridentes, n'uma alacridade de victoria e de fartura.

O sol illuminou, ainda baixo e frio, o campo de batalha da vespera; beijou, reverente, numa caricia de vassallo humilde, a face do rio, que pompeava seu poderio, ostentando os despojos da liça com os bosques marginaes e rolando sempre, no meio de um como *ave! triumphator!* da natureza.

Do outro lado, lobrigavam-se ainda, pequeninas, amesquinhas, as figuras dos fugitivos.

Esses primeiros raios do sol no levante, esbatendo suas cabeças, aquecendo seus corpos meio entorpecidos e alquebrados de soffrimento e de fadiga, pareciam ter uma caricia de amor e piedade para os miserandos, um resplendor de victoria para os lutadores.

Abril, de 94.

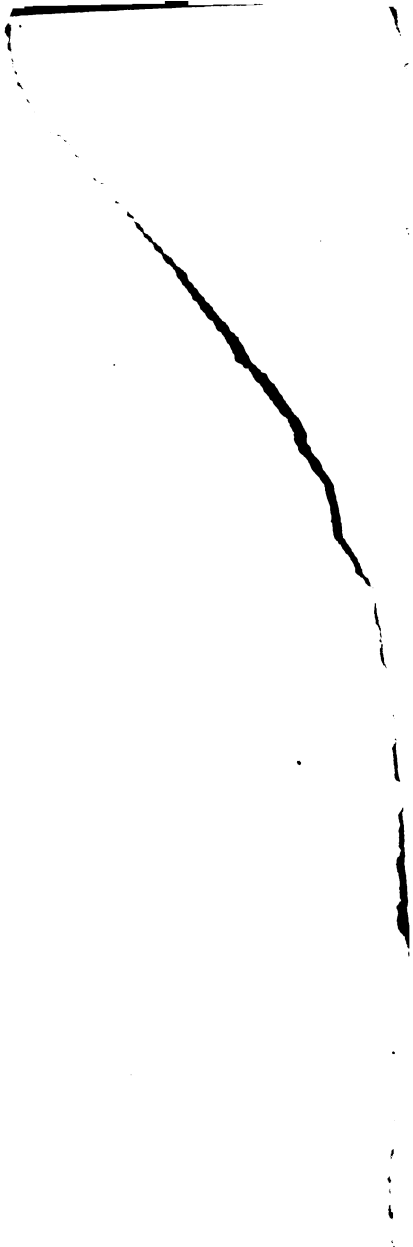


O CONTRACTADOR
DOS DIAMANTES

EPISODIO DO SECULO XVIII

Fragmento







ORRIA acceso o festim. Pompeava Felisberto Caldeyra, na larga generosidade de fidalgo venturoso e manirroto, a riqueza deslumbradora do contracto que havia celebrado com a Real Fazenda para a extracção dos diamantes, dentro do territorio da Demarcação, nas Minas Geraes.

A nobreza do Tijuco, nos salões da casa do Contracto, galeava, fazendo refulgir, á intensa luz de centenas de bugias em arandelas de custoso lavor, o brilho fascinante das sedas e da variegada pedraria.

Pairava ainda no ar, á preguiçosa inspiração dos convivas, o cheiro estimulante de condimentos e de iguarias, vindo das salas interiores, onde se podera ouvir, ao

tilintar dos copos entrebatendo-se, o gargalhar de dous ou tres gastronomos obstinados, que lambiscavam ainda a um canto da mesa, teimosos em disputarem sobre a superioridade deste ou daquelle prato, de mais este ou aquelle vinho, quando já os outros convivas se haviam espalhado pelos salões, formando grupos aqui e acolá, bocejando alguns, falando animadamente outros, levipedes, de faces rubras, aos éstos de um xerez ancião, ou de um madeira longo tempo sopitado em garrafas poentas.

Para os fundos da casa, estrupidando no chão duro das cozinhas, algazarreavam pretos em continuo vai-vem, num leva-e-traz de pratos e bandeijas.

Junto aos salões da frente, numa ante-camara, musicos afinavam instrumentos; e um conviva joven, sacudindo a cabeça, meneiando o corpo, marcava muito attento uma valsa figurada, ancioso pela hora appetecida em que podesse cingir o corpo airoso de Cotinha Caldeyra e, sorvendo-lhe o perfume do cabello de côr alambreada, da boquinha breve e vermelha, doudejar pela sala, tendo fremitos de goso ao sentir

a pressão macia daquelles seios pequeninos sobre a casaca de velludo degollada.

A pouco e pouco se enchiam os salões.

Attrahidos pela musica, onde sobressahiam as notas graves de um fagote dulçoroso, cortadas pelo som vibrante de um cymbalo triangular, accorriam damas e cavalheiros; e as modorrentas matronas, em quem a febre sybaria punha um peso nas palpebras, alongavam os pescoços e aguçavam os olhares curiosos.

D. Branca de Almeida Lara, mulher de Felisberto Caldeyra, animava os convidados, procurando organizar as contra-danças.

— Senhor Luiz Camacho, auxilie-me neste mistér. Vossa mercê que chegou do Reino, depois de viajar pela Europa, deve trazer novidades aos tijuquenses.

— Sempre a seu serviço, D. Branca.

A esbelta senhora percorreu a sala, parando acolá, dirigindo uma amabilidade a este, um cumprimento áquella, sempre grave e magestosa na cauda roçagante de seu vestido verde-claro, de frente côr de rosa. Cingia-lhe o pescoço alvo e redondo um rico afogador de pedraria, turvando a

vista, que subia um pouco para se abrigar na caraminhola de seda branca, rematando no cocar de plumas roseas e verdes, que prendia delicada trama de ouro.

D'ahi a pouco, apresentava o salão um aspecto de côrte da época.

Do tecto alto, oitavado, com frescos de um dos artistas que a fama dos diamantes attrahiu ao Tijuco, pendiam dous grandes lustres de crystal, onde as velas de côr formavam irisações cambiantes. Aclaradas pela fulguração da luz, destacavam-se no tecto figuras mythologicas: a Aurora, toda purpura, em aurea quadriga tirada por corceis brancos pinoteando sobre nuvens; Venus, semi-núa, na concha que arrastavam sobre as ondas golfinhos ligeiros; Orpheu puxando da flauta querulas en-deixas, tal a expressão do rosto.

Felisberto Caldeyra entrou ao lado do intendente.

A cabeça do contractador alçou-se e sua figura erecta amesquinhou o corpo alquebrado e doentio do Dr. Francisco Moreira de Mattos. As cabeças empoadas de ambos e os folhos brancos, de artificiosas rendas, contrastando com a severidade das casacas

de velludo verde-garrafa, punham em seus rostos inteiramente barbeados uma brancura de cêra.

O contractador, sustendo a marcha para percorrer com os olhos o salão, pousou de leve a sinistra sobre o punho emperlado do espadim.

O intendente tirou do bolso do longo collete de setim, com botões de ouro, uma boceta de rapé, cuja tampa tinha um braço d'armas em relevo; colheu delicadamente, com a pontinha do indicador e do pollegar, uma pitada e, acurvando o busto, sorveu-a ruidosamente.

— Vossa mercê, senhor contractador, sabe dar um tal realce a seus festins que me lembra, mal comparando, o senhor rei D. João V, que Deus guarde.

— São bondades de vossa senhoria, senhor intendente. Pouco se póde fazer nestas alturas; mas, com a ajuda de Deus, vai-se remando. Que novas tem vossa senhoria da frota do Reino? Ando receioso que pela ultima frota lhe chegue successor. Penso que Sua Magestade não quer privar por mais tempo a Villa do Principe de seu ouvidor. E quando me lembro de que, em

todo o tempo decorrido da morte do intendente Moutoso, vossa senhoria tem sabido, embora interinamente, honrar essa alta magistratura com tanta clemencia, cordura e zelo pelo real serviço, temo pelo dia de amanhã ; cousa boa não dura.

— Não me colhe de surpresa a nova, qualquer que seja ; prestes estarei : sempre — *pola ley, polo rey*.

Cortou-lhes o dialogo, entrementes, a vizinha garrula de Cotinha, exclamando :

— Titio e o senhor intendente hão de dançar o menuete !

— « Tão achacado que sou, menina ! » tossiu o Dr. Francisco Moreira. « Seja tudo pelo amor de Deus !... »

— ... « e das moças, accrescentou Cotinha. « Ora, vamos lá, senhor intendente ; V. S. teve seu tempo no reino, cá nos chegou a fama ». « E o titio que tire a sombra que lhe afeia o rosto » disse, voltando-se para Felisberto.

E correu, a graciosa rapariga, atravessando a sala, onde os saltos vermelhos, entrevistos no colher o vestido, mal tocaram.

Pouco depois, mesurada e gentilmente, com o braço erguido em ligeiro ademane,

dançava o menuete. Na trunfa alta, rebrihava aos lustres, ao pleno accesos, um como toucado de perolas com delicado artifício de ouro. O justilho de nobreza, desarrugado, cingia-lhe estreitamente a cinta, inflando-lhe o busto ; em grossas pregas arqueadas cahia-lhe dos quadris a sobre-saia de chamalote claro, dando um tom suavissimo ao azul do vestido.

O enthusiasmo foi ganhando os salões. D'aqui e d'acolá fugia um bravo do peito de um cavalheiro ao gracil movimento de sua dama. Ringiam as sedas, tremulavam as scintillas das gemmas, retiniam bainhas de espadins na contradança ; de envolta com perfumes de aguila e benjoim, evolava-se a poeira subtil e, com ella, um cheiro humano, que aguçava os sentidos. Apertavam-se pontinhas de dedos, e palavras de amor, entrecortadas, sussurrantes, murmuravam os namorados, que a marca da dança approximava uns dos outros.

Uma nuvem, porém, negrejava ao longe. O semblante de Felisberto contrahia-se ás vezes; errou a contradança e jogou ao disparate nas respostas a seus interlocutores. Uma dama chegou a corar porque o

contractador pareceu fitar longo tempo sua gargantilha de ouro e as bellas arrecadas pendentes das orelhas, sob os canudos sobrepostos do cabello frisado nãs fontes.

A côrte. . . el-rei. . . o general. . . E mais o insuccesso de seu irmão Joaquim Caldeyra na mineração do rio Claro! Presentimentos. . . presentimentos. . .

E emquanto nessa noite de 1 de setembro de 1751, anniversario de D. Branca de Lara, a nobreza e o povo do Tijuco — cabeça do famoso e grande districto diamantino — aquella nos salões, este pelas ruas do sumptuoso arraial, celebravam a ventura do Caldeyra opulento, do mineiro atrevido que trouxera a abastança ao Tijuco, que levára o consolo a muita lagrima e cuja mão pesada cahira impiedosa sobre muitos maleficios—o contractador pensava na frota a chegar, nas ordens que trazia ; e o ouro, os diamantes, os amigos, a familia, a patria, turvavam-se, immergiam no negror de um sonho máu, á feral apparição desse morcêgo temeroso, que em longos surtos, de grandes azas espalmadas, se entrepunha a Caldeyra e á luz de sua até então boa estrella.

Ouviu-se de repente um borborinho no salão. Senhoras e cavalheiros abriam espaço a um espectáculo delicioso, pouco visto na época. Os canapés arqueados, com figuras de anjinhos talhadas na madeira do recosto e garras de dragão nos pés, estalaram ao peso das damas que se sentavam, roçando a sêda dos vestidos no damasco amarello do movel. As cadeiras de grande espaldar foram arrastadas para junto das paredes. Cotinha e Luiz Camacho, o joven conviva de que se falou no principio, gyravam numa valsa, dança tão amada depois por Goethe, que Camacho aprendera em sua viagem á Allemanha. E quando já cançados, rubros e victoriosos, descahiam num canapé ao lado, vozes gritaram — muito bem! — e D. Pulcheria Dias, velha brejeirona, pegava na ponta dos dedos de Cotinha, pedindo-lhe só, um bocadinho só, da sarabanda, que descantaria depois.

— Ora! Pede á Josephina, que sabe tambem!

— « Que é isso, Cotinha? Que tem dançares um bocadinho, só para vermos? Depois que daqui sahiu Diego Suarez, que

nol-a ensinou, eu nunca mais a dancei », exclamou Josephina. « A sarabanda, mestre Vicente ! » gritou ella ao mestre da musica.

E compassadamente, em lentos bamboleios, ao som de castanholas, Cotinha deslisou, levantando-se nas pontas dos pés e pousando de leve sobre os saltos, no meio da faiscação das luzes, arfando o seio tenro, entreabrindo, no resfolegar, as petalas sanguineas da bocca.

Ao longe, numa sala de dentro, fervia um fandango ao som de chiquechiques. Um novato tocava séstros e um rapazola moreno, da terra, requebrando o corpo, cantava á viola — o estribilho — « mulata, seu bem sou eu ! »

—

Dentre a multidão que se acotovellava na frente da casa do Contracto, ponteando de negro a área illuminada, emergiu um vulto, que se encaminhou para a portaria, branquejando-lhe no trage mal distincto o boldrié dos dragões d'el-rei.

— « Da parte de S. Ex. o general, bradou elle ».

Dous ou tres negros, de libré agaloada de prata e sapatos amarellos com fivelas

de chrysolithas, acudiram ao brado e receberam o papel que devia ser entregue ao Dr. Ouvidor intendente.

Resmungava o Dr. Francisco Moreira, fungando e gemendo do esforço que fizera em dançar o menuete de etiqueta, quando lhe trouxeram ás mãos, discretamente, o officio. Recolheu-se logo ao escriptorio do contractador, a quem puxou pela aba da casaca, avisando do occorrido.

Cotinha, desconfiando, correu das salas e, tendo lá deixado D. Branca, collou o ouvido á fechadura da porta do gabinete, trancada por dentro.

O contractador discutia irritado. A comunicação noticiava a chegada do conde de Bobadella á Villa do Principe e sua proxima entrada no Tijuco. Estava a chegar o novo intendente Sebastião de Andrade Castro e Lanções. Urgia o tempo. O conde-governador e capitão-general devia fazer sua entrada d'ahi a dous dias. A comunicação incluía uma lista enorme de denunciados, que deviam ser logo presos, alguns dos quaes eram condemnados ao exterminio do territorio da demarcação, como *traficantes*, outros ao confisco dos

bens, por defraudadores da Real Fazenda, como contrabandistas de diamantes.

Luiz Camacho seria exterminado como traficante, por não ter tido prévia licença escripta de entrar no territorio e não ter occupação certa. O marido de D. Pulcheria Dias teria seus bens confiscados como contrabandista.

— « Isso não se ha de dar! bradava Felisberto ao intendente amedrontado. Seria a vilta destes povos. Denuncias cobardes! Espoliações iniquas! Pois se eu, tendo direito de requerer o confisco dos contrabandistas em meu proveito, denunciando-os ao intendente, nada requeri a vossa senhoria?!... Não! Tenho os povos da Demarcação a meu lado. Provarei ao conde de Bobadella.

— Entretanto, senhor contractador, terei de fazer as prisões. Até aqui tenho ouvidos amoucos ás oppressões, aos *bandos* rigorosos e vexatorios. A propria portaria de 15 de outubro do anno passado, não a fiz registrar. Com a chegada do conde governador, agora, nada mais se pôde fazer; não mais protelações.

E continuaram — o intendente acobardado, tímido, deante da proxima chegada

do general, na imminencia das minuciosas devassas, das prisões, do tronco, do extermínio ; o contractador, chamejando-lhe os olhos ascuas de ira, mostrava-se disposto a resistir ás vexações dos povos.

Fóra, no salão mais proximo, D. Pulcheria Dias, levada pelo arrastamento da festa, dava grandes risadas, ouvindo de uma dama bisbilhoteira anedotas e aventuras picarescas de certa senhora, de quem já se falava á bocca pequena.

Luiz Camacho, de pé no meio do salão, ostentava, em movimento vaidoso, sua musculosa perna esquerda em ligeira flexão ; e a meia de seda perola, as ricas fivelas, o broslado de ouro da golla de sua casaca davam um tom aulico ás narrativas que fazia á roda attenta de moças curiosas das cousas do Reino, dos costumes e modas de ultramar.

Cotinha, junto á porta interior do gabinete, estremecia ás palavras do contractador e do intendente ; no seu corpo nervoso passava uma crispação de raiva. Chamou pelo tio, a principio baixinho, depois num crescendo imperioso.

O contractador abriu-lhe a porta, e o

intendente, todo constrangido e formalizado, procurou disfarçar a estranheza que lhe causava a impertinencia da moça em querer desvendar segredos de Estado. «— Senhor intendente, minha sobrinha é um homem. Meu irmão e socio, que a esta hora cura em Goyaz dos negocios do Contracto, póde perfeitamente ter, por bocca de sua filha mais velha, um voto ou um parecer nas nossas graves resoluções. »

A moça, meio pallida, de braço direito estendido, apoiava-se nas pontas dos dedos á secretária de cabiúna, com gavetas de segredos. Do intendente só apparecia, na cadeira escura de couro de Cordova, com uma aguia bicipite talhada na comprida espalda, sua cabelleira branca, sombreando arrugada fronte descahida.

— Então ? ficam todos calados, porque o senhor intendente me toma por menina, cabecinha de vento ? Ouvi tudo e nada me surprehende ; estamos, os da familia, habituados a lutar e a vencer.

— A senhora sua sobrinha, senhor contractador, talvez das longas praticas com Luiz Camacho, ande imbuida das idéas hereticas de um tal Voltaire, da côrte de

França. E' menina nova, de imaginação ardente. Cuidado! A róca e o fuso são talvez remedio.

— Engana-se, mui senhor meu. Ella assistiu, ainda criança, á luta que, com meus tres irmãos Conrado, Sebastião e Joaquim, sustentei em Goyaz contra a prepotencia e o arbitrio dos exactores regios. E saiba mais vossa senhoria que quem herda não furta.

A's palavras do intendente, Cotinha saltou como jandaia ferida, prompta a usar das garras.

— Meu tio ha de se oppôr á clamorosa injustiça do general, aconteça o que acontecer. Não queremos isso! Não queremos!

E o contractador, com o olhar cheio de brandura e carinho para esse rebento de promettedora floração á familia Caldeyra; com esse olhar cheio de meiguice, onde se divisava, emtanto, a chamma da energia viril, da vontade tenaz, disse á sobrinha brandamente:

— Deixa estar. Nossos amigos nada soffrerão. Um dia, talvez não esteja muito longe, os filhos da colonia opprimida

hão de ter seus ministros e seus generaes.

Cotinha, inflammada com essa aspiração de independencia, expressa a meio pelo contractador, arrancou da cabeça, num gesto atrevido, as perolas da coifa, a gargantilha que afogava seu pescoço de marmore e, arrojando-as aos pés do intendente, clamou:

— « Eis o que quer el-rei, eis o que querem a côrte e o general: o ouro e o diamante destas terras, as riquezas destes povos. Tomem! Carreguem! A influencia dos Caldeyras inspira receios á conservação da Colonia; seus grandes cabedaes despertam cubiça e inveja. Mas deixem-se estar os Srs. ministros d'el-rei! Com os Caldeyras não de se avir! »

E, soluçando convulsamente, murmurava phrases entrecortadas:

— « Espoliadores!... malvados!... Traficante, Luiz Camacho! » com certeza a filha de algum valido d'el-rei usou desse meio para vingar-se do desprezo que lhe votou Luiz... temem que tome esposa na colonia... » E de faces rubras, molhadas do pranto, amarrotando o vestido, torcendo

nas mãos pequenas a cambraia delicadíssima do lenço, continuava chorando:

— « Papae me falou muita vez nas mulheres de Piratininga, não querendo receber seus maridos, seus filhos ou seus noivos, emquanto estivesse inulta a afronta que receberam dos emboabas. O general ha de vêr! Sentarei á roca, sim, senhor intendente, fiarei para me vestir até cobrarmos forças para expellir daqui esses judeus, com o favor de Nossa Senhora!»

Nisto, o velho intendente, á explosão da dôr nessa menina varonil, nesse espirito altivo, um pouco amollecido talvez com o amor que o queria avassallar, deixou o gabinete do contractador, dizendo:

— « Não vão estranhar nossa ausencia nos salões, sr. contractador.»

Felisberto acompanhou-o, cerrando a porta sobre Cotinha.

Depois, chamou de parte o gerente das minas e disse-lhe que se fizesse prestes a seguir para as gupiaras; puzesse toda a gente que trabalhava prompta para o que dêsse e viesse.

— « Hão de se avir commigo!» murmurou

entre dentes. E voltando-se para o gerente, recommendou :

— Bocca calada e toda a precaução, para não despertar suspeitas. Falaremos depois que aqui não é logar proprio.

— « Quem sabe, disse de si para si, se teremos a reprodução do levante das Casas de Fundição ? Os dragões d'el-rei não me amedrontam. »

Na sala, soava o fagote um trecho de impressionadora melodia. A sociedade do Tijuco folgava. Que lhe importava a chegada subitanea de um dragão, com um officio para o intendente ? Havia no Tijuco toda uma companhia desses soldados. Tratava-se, com certeza, de alguma nova façanha dos garimpeiros contra as tropas reaes.

Felisberto Caldeyra atravessou a sala com um semblante sereno, no meio da turba de cavalheiros e de damas. Parece até que dirigiu um gracejo a um velho amigo da familia, batendo-lhe com a mão no hombro.

Ao passar junto de uma saccada, olhou para fóra, distrahido.

No horisonte, um violeta esmaiado, com velinhos de nuvens brancacentas, fazia

fundo ao resplendor de Vesper. As vozes dos pares, na contradança, casavam-se no ar em côro alegre e brando.

O contractador scismava.... Longe, muito longe, como que do seio da estrella do Pastor, parecia palpitar uma aza branca, acenando-lhe com a libertação de sua terra.

Seu rosto contrahiui-se, avincou-se-lhe a fronte, e a mão direita, pesada e energica, apertou, num movimento involuntario, o punho do espadim. Arqueou o braço, ergueu a cabeça ameaçadora e lançou um soberbo olhar de desafio a inimigos impalpaveis, que pareciam avançar na sombra.

Nesse momento, um listrão vermelho, na banda do levante, esgarçando o céu e afugentando um rebanho de nuvensinhas brancas, pôz-lhe na cabeça um relevo de batalhador de outras éras — cavalleiro esforçado e rostido do sol das pelejas.

E sonhou, um instante, que, á frente de soldados, pugnava pela emancipação da colonia e libertação da patria.



JOAQUIM MIRONGA

TYPO DO SERTÃO





SOL estava querendo sumir, quando eu encostei a porteira. Pulei da sella e amarrei no moirão o ruço pedrez — bicho malcriado, reparador, mas de espirito. No lombo desse pagão eu comia doze leguas, de uma assentada. Olhei a frente da casa, puz a mira no alpendre e não vi ninguém.— Uai, Joaquim, ahí tem cousa! — Entrei bem subtil, reparando d'uma banda e outra.

« Patrão velho, na hora em que eu estava arreiando o pedrez, tinha chegado perto de mim, dizendo: — Olha lá, Mironga, não me vás sahir um perrengue!

— Perrengando, perrengando, meu branco, eu entrei lá dentro. Vossemecê ha de vêr, com o favor de Deus.»

— Olha o café, Joaquim, sem te cortar a conversa—disse um caboclo meão, de chapéu de couro e sugigóla. E estendeu o cuité fumarento, onde parecia ainda borbulhar o liquido.

Na varanda da frente, a gente do retiro estava reunida para ouvir o Joaquim. Era tempo de vaquejada e todo o dia havia um caso novo, uma chifrada de marruaz, uma passagem bem feita com algum garrote bravo. A varanda era comprida, defendendo-a do mau tempo a grande cimalha, apoiada em columnas de madeira lavrada. Presas a estas, duas ou tres rêdes, tecidas de sêda de burity, embalavam o somno da camaradagem, que ruminava o jantar depois de um dia fadigoso, em que o gado na verdade déra que fazer.

Demais, esse gado de beira rio Preto não era caçada. E nesse dia, no cerrado do Periquito, os vaqueiros toparam uma rez alevantada, que fez o diabo.

Mas o Joaquim não era homem de ficar quieto assim, de barriga para o ar, como qualquer tiú ao sol. Era preciso animar a rapaziada na vespera de qualquer trabalho mais difficil.

Para o dia seguinte, o patrão tinha marcado uma campeonção no cerrado do Garapa, onde havia um cambaúbal de metter medo. E as rezes velhacas sovertiam-se lá dentro, que só mesmo o capêta podia com ellas.

Quando ia ficando lusco-fusco, o povo campeiro chegava para a banda de fóra, atiçava o fogo e pegava a contar casos, a passar em revista os successos da vida de cada um.

Mironga, vaqueiro meio maduro, era respeitado por sua justa fama e pelo conceito de que gosava junto do patrão.

— « Como ia dizendo, encostei a porteira ao batente e entrei subtil.

« O pateo estava soturno. Nem viva alma. Isso no tempo das guerras bravas da éra de quarenta e dous. Patrão velho andava amoitado. Amoitado é um modo de dizer, porque elle dormia, lá de vez em quando, num rancho de palmito no meio do mato, mas zanzava de uma banda para outra o dia inteiro, sem perder de vista a casa do retiro onde estava a familia. Eu não lhe deixava a costella : vivia rente com elle para o que désse e viesse, porque, Deus

louvado, nunca me desprezou, e nós da família servimos até á morte a gente do patrão, isso desde meus velhos.

« Quando entraram lá na cidade as forças do defunto coronel Joaquim Pimentel para agarrarem os rebeldes, patrão velho teve aviso. Elle era homem de opinião e não fugia assim com dous arrancos. E demais disso, a patrôa estava chegadinha a ter menino, esse pedaço de moço que vocês vêem aqui hoje—Sô Néco.

« Um dia, nós já tínhamos jantado na fazenda e eu tinha descido para o quarto dos arreios, quando, na estrada que vem da Barra da Egua, olhando pelo caminho afóra, eu enxerguei uns cavalleiros chegando devagar, como quem não conhecia bem o logar e desconfiava de alguma cousa. Subi arriba e mostrei os cavalleiros ao patrão.

— Aquillo não é senão escolta e é para prender vossemecê.

« Para que falei, meu Deus! foi uma trabusana levada em casa. A patrôa tomou um susto muito grande e desandou a chorar; as mucamas trançavam pelos quartos, correndo.

« Com pouca duvida, accenderam o cirio bento junto da imagem do menino Jesus e a patrôa tirou reza, acompanhada das mucamas e dos negrinhos. Patrão velho não sahiu do alpendre. Gritou pelos companheiros e pela negrada.

—« Hoje é dia! — disse eu cá commigo.

« Tudo quanto era clavinote, trabucos e bacamarte sahiu para fóra. Qual, gente! nem eu gosto de lembrar desse tempo!

« Sô moço, Sô Juca, filho mais velho do patrão, ainda não tinha, a bem dizer, nem buço de barba. Era espigadinho e animado. Eu sei quanto me custava ter mão nesse menino nos dias de vaquejada. Não havia garrote que elle não quizesse esperar na ponta da vara, nem cavallo chucro de que elle não quizesse tirar a nica. Ia já beijando pelos dezeseis annos, mas não mostrava.

« Oh! meu S. Sebastião, advogado dos afflictos! quando me acóde á lembrança essa éra amaldiçoada, sinto a modo de um travo na boca.»

Resfolegou forte o Mironga e, tirando o cigarro da fita do chapéo, bateu fogo, puxando fumaça.

A camaradagem, mudando de posição e concertando-se nos logares, murmurava :

— Esse Joaquim é da pelle, é da pelle do diabo ! Elle já tem visto cousas !

« Vocês sabem, continuou o Joaquim, que a frente da fazenda, além dos muros de pedra, tinha o cercado feito com toradas de madeira de lei. Aquella segurança toda era por não deixar o gado romper, quando investisse, na arrancada. Valeu-nos Deus que era assim. Estivemos engambellando a escolta um dia e metade de uma noite, debaixo de fogo. A soldadesca era toda de cavallaria, mas não era gente curradeira e, por isso, não conhecia nossas batidas. Não foi custoso mitrar áquelles diabos. E esse rio Preto—bem eu gosto d'elle! — foi a nossa salvação. Elle passa nos fundos da fazenda, fechando uma manga de pôtros separados das eguas.

« Anoitecemos e não amanhecemos na fazenda. Com o escuro, ganhamos uma trilha pela manga abaixo—eu, patrão, patrôa, meninos, mucamas, toda a gente de dentro; os campeiros e os negros ficaram entretendo a soldadesca, rebentando as pipocas toda a hora.

« Você lembra, Pio, daquella canôa em que o patrãozinho caçou anta rio abaixo ?

— Ora ! pois então ! ?

— « Foi nella mesmo que estivemos passando o povo para a outra banda, eu no varejão e Bazilio no remo. Quando chegámos do outro lado, adeus escolta ! Não havia ponte, nem váu. Se elles quizessem nos perseguir haviam de atravessar o rio a nado, ou, quando não, rodear as cabeceiras, porque as nossas canôas ficaram muito bem escondidas do outro lado.

« Ganhámos, sem maior novidade, a barranca fronteira e pousámos num retiro da outra banda, a duas leguas do rio.

— « Até elles passarem tambem, temos tempo—dizia commigo.

« Sô moço sô Juca, desde a hora da sahida, ficou meio esturdio, sempre de cara fechada. Elle tinha teimado muito com o patrão velho, querendo ficar. Dizia que aquelles demonios de caramurús não haviam de tomar conta da fazenda assim, com dous tiros e meio. Mas o patrão ficou brabo com elle e não lhe tirou mais os olhos de cima até passarmos o rio. O patrão sabia que o mocinho não era brincudo e que,

se não lhe tivesse mão, era bem capaz de voltar para a fazenda a puxar briga com os caramurús da escolta.

« Arranchamos no retiro, e a família toda acomodou-se como Deus foi servido. O patrão estava acostumado a lidar sempre e aproveitou o tempo para cuidar da criação empastada naquella redondeza.

« Nisto, as cousas principiaram a apertar.

« A gente que tinha ficado do outro lado do rio tomou conta da fazenda, depois de uma resistencia grande. Quem poude fugir, fugiu; o restante que não morreu na briga ficou agarrado pela escolta. Os ladrões do inferno já tinham carneado muita rez boa da fazenda e acabado com a capadaria do chiqueiro. Essas cousas chegaram ao conhecimento do patrão e o fizeram ficar irado. A patrôa ia tendo mão nelle todo o dia, porque elle virava, mexia, d'aqui p'r'alli, e falava sempre em acabar com aquillo de uma vez, morrendo ou dando uma licção áquelles excommungados.

« Ha muita gente traiçoeira neste mundo, como vocês sabem. Um desalmado desses, que Nosso Senhor já chamou a si—Deus

te perdôe!—deu denuncia do retiro onde estava o patrão. Com pouca duvida, nós soubemos que na Tapéra, a umas quatro leguas do retiro, estava se ajuntando um magote de caramurús para virem prender o patrão. Esses diabos tinham uma sêde na gente do patrão, porque diziam que elle fôra o rebelde mais destemido destas beiradas.

« Patrão ficou dasatinado de raiva. Quiz por toda lei dar caça aos caramurús, mas a patrôa ficou de tal modo, que nós estávamos vendo a hora em que ella cahia para traz, morta. Por isso, o patrão não teve outro remedio senão ir tenteando, como Deus ajudava. Vendo que nós eramos cercados de uma hora para outra e que uma desgraça ia acontecer, elle me chamou a um canto e disse :

—«Joaquim, eu fiz tenção de não cahir nas unhas daquelles diabos e não ir parar na cadeia. Mas as cousas estão muito feias. Se não fosse a dona... Olha : disfarça de qualquer geito e entra na Tapéra, assim como quem vai de passagem. Assumpta bem e apanha as tenções delles. Vê quantos são, se estão bem armados...

Tu não és tolo e sabes bem o que eu quero. Precisamos saber o que elles pretendem, para nós podermos desmanchar a esparrella...

— « Vossemecê me conhece, meu amo. Fique socegado. Eu arranjo as cousas.

« A conversa ficou ahi.

« Commigo não se precisa de muita explicação.

« Corri ao quarto e tirei minha capanga, minha companheira velha. Puz dentro della polvora, chumbo grosso e uma bucha de paulista. Num bolsinho de dentro, guardei um pedaço de fumo e palhas. — « Estou prompto » — ia dizer, quando dei com os olhos no Moysés, meu clavinote, que dormia enferrujado no canto. Pareceu-me que o páu de fogo falava — « tambem quero ir, Joaquim. » — Eu lhe fiz a vontade.

« Areiei a arma bem areiadinha, limpei-lhe os ouvidos, puz uma pedra nova em baixo do cão e carreguei-a. Alli por perto havia um jambeiro com fructas; apanhei uma e, depois de escorvar bem a arma, joguei o jambo para o ar, lá em cima, metti a arma á cara e fiz fogo: a fructa espatifou-se toda.

—« Está bom, sô Joaquim, disse comigo, você está meio turuna na pontaria ! Isto é que serve. »

« Amarrei o clavinote nos coldres da sella, apertei bem o pedrez, corri os olhos no peitoral e na retranca, passei por cima da sella um pellego bom e apertei de novo o pedrez com a sobre cinxa.

« De arma de fogo eu não gosto muito, mas minha vara de vaqueiro, minha vara de derribar, peor do que uma azagaia, essa eu não deixo ! Desembainhei o ferrão da ponta e dei uma chuçada num portal. O ferro estava firme e amollado.

« Esse arranjo todo pouco durou.

« Apalpei, por ultimo, meu rosario do pescoço e pulei no lombo do pedrez.

—« Êta, mundo ! Chegou a hora !

—« Sô moço sô Juca andava farejando esse negocio e me atormentou muito para eu contar a conversa que tive com o patrão. Rondou sempre por perto de nós, para ver se apanhava qualquer cousa. O menino mordida os beiços, arrancava os cabellos, esbravejava, fazia tudo para saber, porque elle queria ter uma embarruada com os caramurús. Eu nunca vi mocinho assim.

« Uma cousa me dizia que esse menino ia fazer alguma.—« Hei de ir! hei de ir! »—falava elle, com os dentes cerrados, batendo com a mão direita fechada na palma da mão esquerda.

—« Hei de ir! »

—« Vossemecê não vai nhonhô, porque meu amo não quer ».

« Elle desconversou e sumiu.

« Quando eu já estava longe, ouvi um tropel de cavallo atrás de mim. Era sô moço que vinha num cavallinho castanho carêta, corredor que nem um veado. O mocinho vinha debruçado p'ra frente, de redea bamba e o cavallo parecia que roçava a barriga no chão na corrida.

« No eu sahir, sô moço já tinha o cavallo prompto, escondido. GANHOU o rasto e bambeou as rédeas. Não foi preciso mais nada.

—« Ora já se viu! Virgem Nossa Senhora, como é que está para ser? »

—« Não tem nada, Joaquim, vamos embora. Eu te mostro que já sou durô. »

« Cá dentro, o coração me pulou de alegria, de ver a disposição do menino. Carreguei-o nestes braços e era a minha

menina dos olhos. « Ora! lá se avenha! o que ha de ser tem muita força, pensei eu; não tive culpa da vinda delle. Se elle veiu, é porque gosta devéras deste mulato velho.»

— Está bom, nhonhô, vossemecê agora me ha de ouvir. Quando chegarmos á Tapéra, quem entra primeiro sou eu. Vossemecê fica amoitado alli por perto. Se os homens me prenderem ou me matarem, vossemecê percebe logo, porque isso não demora. Então, vossemecê dá de rédeas p'ra trás e toca a bom tocar até chegar á casa, para avisar a meu amo.

— « Has de ver que eu já sou duro, Joaquim. Vamos embora ».

« Com pouca duvida entramos em terra da Tapéra.

—« Póde ter algum espia por ahi, meu patrãozinho. Vamos cortar pelo cerrado afóra e ganhar a estrada que vem da Boa-Vista; enganamos os diabos, porque elles ficam pensando que somos viandantes sahidos do Vão.»

« Assim fizemos.

« Antes de confrontarmos com a fazenda da Tapéra, eu fiz sô moço entrar num

capãozinho de matto e ficar ahi amoitado. De lá elle via a casa e o curral da frente.

« Entrei, como já contei, sem vêr ninguém. Subi a escada e gritei :— O' de casa ! — Uma porta abriu-se e um caboclo de beijo rachado appareceu, respondendo : — O' de fóra ! Entra e vem tomar congonha, que está no cuité —.

« Entrei e vi na sala de fóra passante de vinte pessoas; uns agachados, outros de pé, os homens estavam resmungando baixo. Pelas paredes havia muita arma dependurada nos tórnos. Os homens me repararam de baixo p'ra cima, de cima p'ra baixo, me estudando.

— « Ainda que mal pergunte, quem é você, rapaz ? disse com máu modo um sujeitoinho bexigoso, com os cabellos já pintando. »

— « Eu sou Manoel João, para o servir. Assisto no Vão, perto do arraial de Morrinhos e vou buscar um sal á cidade. Venho vindo escoteiro, mas o carro vem atrás e deve chegar nestes dous dias. »

— « Você não sabe que estamos em guerra e que aqui não passa gente sem minha licença ? »

— « Mas, meu patrão, manda quem póde. Não estou fóra disso. »

— « E se eu te segurar aqui ? »

— « Póde que fique seguro ; mas hei de porfiar por sahir e — quem porfia mata caça ».

« Eu fiquei activo, correndo os olhos nos homens e chegando devagarinho para a porta. Já tinha na mente o jogo que havia de fazer com aquelles diabos.

« O homem esteve, esteve, esteve.... Depois, encruzou as pernas em riba do banco onde estava sentado e disse :

— « Tu sabes alguma cousa desses chimgos por ahi ? »

— « Meu patrão, eu sou de longe ; estou muito fóra disso. Tenho ouvido rosnar uma cousa e outra, mas não ponho sentido em falas e ditos do povo. »

« Mal tinha acabado de dizer isso, quando appareceu de repente na porta um fula margicella, por nome Anselmo. Esse desavergonhado tinha trabalhado junto commigo uns dias, numa arribada de gado, quando eu fui levar uma boiada do patrão á Pratinha. O diabo me encarou um bocado, depois disse :

—« Aqui, Joaquim? Você já largou o sargento-mór (era meu patrão)? Que diabo de cousa traz você cá? »

« Não foi preciso mais nada. Sô Chico Duarte, capitão daquelles jagunços, gritou logo :

—« Então, maroto, tu querias me lograr, eim? Péga esse cabra ahi, minha gente! »

« A cousa ferveu logo.

« Anselmo fez menção de me agarrar num pulo.

« Eu tinha deixado meu clavinote amarrado nos coldres e a vara de ferrão encostada lá fóra. Voei logo á porta. Quando Anselmo me quiz abotoar, juntei-o pelos peitos e num empurrão mandei-o á parede. Isso tudo foi assim—zás! Pulei pela escada abaixo e ganhei a sella do pedrez. O matungo estremeceu debaixo dos arreios e, bufando forte, largou na carreira. Curvei-me sobre o pescoço do animal e gritei-lhe ao ouvido— «upa, meu pedrez! salva teu dono!» Bichinho fiel! A porteira não era alta e elle voou por cima della, cahindo do outro lado.

« Nisto, as pipocas rebentaram da frente da casa. A noite ia fechando, e os homens,

atirando das janellas e do alpendre meu vulto que fugia, erraram fogo. Eu virei a cara para traz e acenando-lhes com a mão, gritei :—Até logo, meu povo !

« Ahi, uma buzina tocou forte da banda da casa, dando alérta. Os caramurus tinham gente na tocaia, pela redondeza, vigiando; acudiram logo.

« A lua, na barra do céo, alumiou um vulto de cavalleiro que crescia para mim, na carreira. E mais outro e outro.

« Um cavalleiro, cruzando na minha frente, gritou :

— « Pára, ladrão, que eu te faço comer terra já ! »

« Eu torci o cavallo, colhi a vara de ferro e peguei o homem pela volta da pá. Elle deu um urro e escangotou. Seu cavallo, desgovernado, correu p'r'uma banda. Não vi se o homem cahiu, mas gostou pouco da chuçada. Cheguei as esporas no vasio do pedrez e joguei-o para a frente, á disparada. — Que é de sô moço ? que será delle ? onde estará agora ? — Topei um redomoinho de cavalleiros deante de mim. Chegando mais perto, vi que eram só dous que pelejavam e ouvi a voz de sô moço

sô Juca, dizendo :— « Cheguem, caramurús do inferno ! » Meu cavallo passou rente do delle e eu piquei com o ferrão a anca do castanho carêta, que estendeu por alli fóra com sô moço, na horinha mesma em que echoava um tiro de bacamarte.

« No meio do tropel da corrida, me pareceu ouvir perto de mim um gemidozinho. Olhei para os lados e vi sô moço emparelhado commigo.—« Não é nada »—pensei. E corremos e corremos obra de meia legua.

« Adeante, num escampado — ninguém nos perseguia mais—eu olhava sô moço e reparava que sô moço estava calado. Não extranhei muito...

« A lua subia, e pela beira dos capões, os peixe-fritos cantavam...

« Mais adeante, na descida de um correjo, eu voltei para sô moço e disse em tom de brincado :

— « Esteve feia a cousa, eim ? Mas nós não somos caçoada de ninguém. »

—« E' »—disse elle co' a vizinha sumida.

« No subir um tópe, me pareceu que elle esbarrou o cavallo.

— « Que é que vossemecê tem ? »

— « Nada ».

— « Então, toque o animal. »

« E fomos indo. . . »

« D'ahi a pouco, elle andava penso p'r'um lado, meio envergado, como quem estava curtindo uma dôr muito grande.

« Eu, achegando-me para elle, disse :

— « Conta, meu sinhôsinho, conta a seu mulato velho o que vossemecê está sentindo. »

« Elle endireitou o corpo logo, respondendo :

— « Nada, Joaquim. Eu não te disse que era duro ? »

« Fomos embora.

« Com pouco, alcançou-nos um pé de vento bravo. As folhas e os gravetos do chão subiam em revoada ; nossos cavallos, abicando as orelhas p'ra frente, levantaram as cabeças e rincharam forte.

« Tinhamos de dobrar um serrote por uma ladeira esperta ; no meio, um murundú fazia a trilha acotovellar para dar passagem aos cavalleiros. Quando o animal de sô moço torceu de repente, para voltar o murundú, eu vi sô moço cambalear. Dei

um arranco e amparei-lhe o corpinho franzino, puxando-o fóra dos arreios e sentando-o no cabeção de minha sella. O castanho, solto, correu na frente.

« Quando sô moço debruçou sobre mim, falou-me com uma voz que nunca mais me sahiu dos ouvidos e me corta até hoje o coração — « Está doendo, Joaquim !... » Eu me apeguei com Senhora da Abbadia do Muquem e bradei alto :

— « Santo do céu ! tem dó de nós ! »

« Sô moço deu mais um gemidozinho, muito fraco. Parecia um carneirinho novo, sem mãe, que vai querendo morrer por falta de leite e de calor... »

Neste ponto, a voz do velho campeiro tornou-se profunda como a das enxurradas que tombam, guéla abaixo, nos socavões da serra.

Nenhum campeiro mais recostado.

Todos, de pé, apertavam-se ao redor do Mironga, estendidos os pescoços, os semblantes mal assombrados pintando-lhes os sentimentos da alma.

— « Quando eu segurei sô moço por baixo dos braços para tiral-o da sella, senti as mãos molhadas. Apalpei e reconheci que

não podia ser suor. Tirei fogo e vi minha mão direita vermelha de sangue!... »

Erecto no meio dos companheiros, o capataz daquelles homens bravios tinha o semblante demudado e a voz entrecortada pelos offegos do largo peito hirsuto.

O fogareiro acceso avermelhava aquelles rostos, que formavam circulo ao redor do Mironga ; todos mudos, attentos, como os guerreiros das tribus barbaras ouvindo ao chefe valente as peripecias dolorosas da peleja recém-ferida.

—« Excommungados, malditos caramurus! Ficaram satisfeitos os demonios e não buliram mais com o patrão... »

Fóra, na orla do campo, os guarás famintos uivavam dolentemente, do meio da sombra.

O velho campeiro não falava mais.

A's interrogações de tantos olhares, de tantas boccas semi-abertas, Joaquim Mironga respondeu com estas ultimas palavras, apontando para o céo recamado de estrellas :

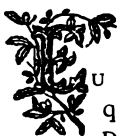
— Lá, naquelle campo azul, junto com os anjos, pastorando o gado miúdo...

PEDRO BARQUEIRO

TIPO DO SERTÃO



A Coelho Netto.



U LHE CONTO — dizia-me o Flor, quasi ao chegarmos á Cruz de Pedra. «Naquelle tempo eu era franzinozinho, maneiro de corpo, ligeiro de braços e de pernas. Meu patrão era avalentoado, temido e tinha sempre em casa uns vinte capangas, rapaziada de ponta de dedo. Eu tinha uma *meia legua*, trochada de aço, que era meu osso da correia.» E, concertando o corpo no lombilho, soltou as redeas á mula ruana, que era boa estradeira. Inclinou-se para um lado, debruçando-se sobre a côxa, e apertou na unha do pollegar o fogo do cigarro, puxando uma baforada de fumo.

« Estavamos, um dia, divertindo-nos com os ponteados do Adão, á viola. Eu estava recostado sobre os pellegos do lombilho,

estendidos no chão. A rapaziada toda em roda. Pouco tínhamos que fazer e passava-se o tempo assim.

« Eis se não quando entra o patrão, com aquelles modos decididos, e, voltando-se para um moço que o acompanhava, disse : « Para o Pedro Barqueiro bastam estes meninos ! » apontando-me e ao Paschoal com o indicador ; « não preciso bulir nos meus *peitos largos*. O Flor e o Paschoal dão-me conta do crioulo aqui, amarrado a sedenho. »

« Para que mentir, patrãozinho ? o coração me pulou cá dentro, e eu disse commigo — estou na unha ! O Paschoal me olhou com o rabo dos olhos. Parece que o patrão nos queria experimentar. Eramos os mais novos dos camaradas, e nunca tínhamos servido senão no campo, juntando a tropa espalhada, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido falar sempre no Pedro Barqueiro, que um dia apparecêra na cidade sem se saber quem era, nem donde vinha. Cheguei uma vez a conhecê-lo e falámo-nos. Que boa peça, patrãozinho ! Crioulo retinto, alto, truncado, pouco falante e desempenado. Cada tronco de braço que nem um pedaço de aroeira.

« Estou com elle deante dos olhos, com aquella roupa azuleja, tingida no Barro Preto ; atravessado á cinta um ferro comprido, afiado, alumando sempre, maior que um facão e menorzinho do que uma espada.

« Esse negro mettia medo de se ver, mas era bonito. Olhava a gente assim com ar de soberbo, de cima para baixo. Parecia ter certeza de que, em chegando a encostar a mão num cabra, o cabra era defunto. Ninguém bulia com elle, mas elle não mexia com os outros. Vivia seu quieto, em seu canto. Um dia, pegaram a dizer que elle era negro fugido, escravo de um homem lá das bandas do Carinhanha. Chegou aos ouvidos do patrão esse boato. Para que chegou, meu Deus! O patrão não gostava de ver negro, nem mulato de prôa. Queria que lhe tirassem o chapéo e lhe tomassem a bençam.

« D'ahi, ainda contavam muita valentia do Barqueiro, nome que lhe puzeram por ter vindo dos lados do rio S. Francisco. Essas historias esquentavam mais o patrão, que eu estava vendo de uma hora para outra extripado no meio da rua, porque

era homem de chegar quando lhe fizessem alguma.

« Tanto eu como Paschoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade.

« Subiram de ponto esse nosso receio e a ira do patrão, quando se soube de uma passagem do Pedro, num batuque, em casa de Maria Nova, na rua da Abbadia.

« Chegára uma precatória da Pedra dos Angicos e o juiz mandou prender a Pedro. Deram cêrco á casa onde elle estava na noite do batuque. Ah ! meu patrãozinho ! o crioulo mostrou ahi que canella de onça não é assobio. Não é dizer que estivesse muito armado, nem por isso: só tinha o tal ferro, alumando sempre ; e com esse ferro deu pancas.

« Quando cercaram a casinha e lhe deram voz de prisão, o negro fechou a cara e ficou feito um jacaré de papo amarello. Deu frente á porta da rua e encostou-se a uma parede. Maria Nova estava perto e me disse que elle cochichou uma oração, apertando nos dedos um *bentinho*, que branquejava na pelle negra de sua peitaria lustrosa.

« Chegaram a entrar a casa tres homens da escolta, e todos tres ficaram estendidos. Pedro tinha oração, e muito boa oração contra arma de fogo, porque José Pequeno, caboclinho atarracado, ao entrar, escancarou no negro o pinguélo de um clavinote e fez fogo. Pedro Barqueiro caminhou sobre elle na fumaça da polvora e, quando clareou a sala, José Pequeno estava escornado no chão como um boi sangrado.

« Dous rapazinhos quizeram chegar ainda assim, mas Pedro Barqueiro descadeirou um e pôz as tripas de fóra a outro, que escaparam, é verdade, mas ficaram lá no chão gemendo por muito tempo.

« D'ahi para cá, Pedro evitava andar pela cidade, onde só apparecia de longe em longe, e á noite. Mas todo o mundo tinha medo d'elle e vivia adulando-o.

« Um dia, como já lhe contei, appareceu lá em casa um moço pedindo auxilio a meu patrão para agarrar o negro. Era mesmo escravo, o Barqueiro; mas ha muitos annos vivia fugido. Já lhe disse que o patrão queria tirar o topete ao valentão, e, para isso, escolheu pobre de mim e Paschoal.

— Que dizes, Flor? fallou o patrão rindo-se.

— Uai, meu branco, vossemecê mandando, o negro vem mesmo, e no sedenho.

— Quero ver isso.

— Vamos embora, Paschoal !

« Quando iamós a sahir, o patrão bateu-me no hombro e, voltando-se para o moço, disse muito firme : « Póde prevenir a escolta para vir buscar o Barqueiro aqui, de tarde. Hão de dar duzentos mil réis a estes meninos. »

« Desci ao quarto dos arreios, passei a mão na *meia legua* e no facão e apertei a correia á cinta.

« Paschoal já estava na porta da rua, assobiando. Tinha por costume, nos momentos de aperto, assobiar sempre uma trova, que diz assim :

« Na matta de Josué
Ouvi o mutum *gemê* ;
Elle geme assim :
Ai-rê-uê, hum ! airê ! »

Quando Paschoal me viu, soltou uma risada.

— Estás doido, rapaz ! gritou-me.

— Porque ?

— Queres mesmo enfrentar com o Pedro Barqueiro ?... Elle faz de nós passóca. A cousa se ha de fazer de outro modo.

« Paschoal tinha tento e eu sempre tive fé nelle. Era um cabritozinho mitrado. Sakhia-lhe cada idéa... Mandou-me guardar a *meia legua* e o facão. Depois, foi á venda, escolheu anzóes de pesca e veiu para casa encastoal-os. Eu, nem bico! Ajudei a acabar o serviço, certo de que Paschoal tinha alguma na mente.

— Deixa a cousa commigo, ajuntava elle.

« Isso ainda era cedo ; o sol estava umas tres braças de fóra, no tempo dos dias grandes. Lá por casa madrugavamos sempre, para ir ao pasto e trazer os animaes de trato.

— « Vamos fazer uma pescaria », disse-me o Paschoal. « Alli para os lados do Baptista, perto de um baruzeiro grande, ha um poço, onde as curumatans e os piáus são como formigas. O rancho do Pedro Barqueiro fica perto. Elle mora só e eu conheço bem ologar. Pela astucia, havemos de prendel-o. Quando eu gritar — segura, Flor ! — tu agarras o negro, mas, segura rente ! »

« E fomos. Nessa hora me veiu bastante vontade de fugir ao perigo, de ir passear,

porque tinha como certo succeder-nos alguma. « Que é lá Flor! » — disse de mim para mim : « Um homem é para outro. » E, depois, o Paschoal não me deixava nas embiras. Quando descemos o Gorgulho e fomos virando para o lado do correjo, fiquei meio sorumbatico. Nesse tempo, eu andava arrastando a aza á Emilia, filha do José Carapina. Era uma rôxa bonita de véras, e não estava muito longe de me querer. Posso dizer mesmo que na vespera olhou muito para mim, ao passar com a saia de chita sarapintada de vermelho, umas chinnellas novas de cordovão amarello. Ah! que peitinho de jaó, patrãozinho! empinado, redondo, macio como um couro de lontra. Com o devido respeito, patrãozinho, eu estava na peia, enrabichado, e foi nesse mesmo dia que ella me deu esta cinta de lâ, tecida por suas mãos, que guardo até hoje. « Ai! rôxa da minha paixão » — pensava eu — « como hei de morrer assim, fazendo cruz na bocca? » O diaboda idéa me atarantou pelo caminho e cheguei a dar tremenda topada numa pedra, no meio da estrada. Curvei-me sobre a perna, agarrei o pé com as mãos e estive assim dançando sem

querer, um pedacinho de tempo. Depois, levantei a cabeça. Paschoal sentára num barranco e encarava para mim, rindo. Levantei a cabeça e olhei para cima, assumptando. No céu galopavam umas nuvens escuras, a modo de um bando de queixadas rodando pelo campo.

« Um vento aspero passava, arrancando do genipapeiro as fructas maduras, que esborrachavam no chão assim—pof!—espancando as juritis que andavam esgaravatando a terra e comendo grãosinhos. Duas series guinchavam, esguelavam. Depois, vi que estavam brigando—me lembra como se fosse hoje—e uma avançava para outra dando pulinhos, sacudindo as azas, com o cocuruto arripiado e os olhos em fogo. O coração pareceu dizer-me outra vez—«olha, Flor, o que vais fazer». Nesse entretanto, o Paschoal, que me encarava sempre do ponto onde estava sentado, gritou-me :

— « Esqueceste a cabeça nalgum lugar ? Vamos embora, que vai tardando já. »

« Fiquei descochado ; caí em mim e fui marchando disposto. D'ahi em diante, fui brincando com o Paschoal, que era muito divertido e tinha sempre um caso a contar.

Chegando em baixo, arregaçámos as calças e descemos o corrego, cada um com seu anzol na vara, ao hombro.

« Era preciso que ninguem desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro.

« Ahi, quasi que tinhamos esquecido o perigoso mandado, tão differente andava a conversa com as caçadas do Paschoal.

« Para encurtar a historia, patrãozinho, achámos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha tres divisões : a sala, o quarto delle e a cozinha.

« Quando chegámos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, alli perto.

— Vocês por aqui, meninos? Olhem! vão alli áquelle poço, para baixo da cachoeira. Tem lá uma lage grande e de cima della vocês podem fazer bichas com os piáus.

— « Louvado seja Christo, meu tio ! » havia dito o Paschoal, e nisto o imitei.

— « Se quizerem comer uma carne assada ao espeto, tirem um naco; está na fumaça, por cima do fogão, uma boa manta. Olhem a faca ahi na sala, se vocês não têm algum caxerenguengue. »

Paschoal entrou e viu recostado a um canto da parede o ferro alumiando. Pegou nelle, sahiu pela porta da cozinha e escondeu-o numa restinga, ao fundo. Depois, me assobiou, eu acudi e fui procurar a *lazarina* de Pedro — boa arma, de um só cano, é verdade, mas comedeira.

— Ha alguma jaó por aqui, tio Pedro ? perguntou Paschoal.

— Nem uma, nem duas, um lote dellas. Se você quer experimentar minha arma, vá lá dentro e tire-a. Não errando a pontaria, você traz agora mesmo uma jaó.

— Quero matar um passarinho para fazer isca, meu tio.

— Pois vá, menino.

« E Paschoal descarregou a arma.

« Pedro tinha-se levantado e falava com Paschoal do vão da porta de entrada.

« Era hora.

« Paschoal me fez um signalzinho, eu dei volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas. A combinação era essa. Enquanto Paschoal o foi entretendo, eu fui chegando soturno, e quando elle gritou — «segura!» — eu pulei como uma onça sobre o negro desprevenido.

« Conheci o que era homem, patrãozinho! Saltando-lhe nas costas, dei-lhe um abraço de tamanduá no pescoço. Mas o negro não pateteou, e, mergulhando commigo para dentro da sala, gritou :

— Nem dez de vocês, meninos ! Ah ! se eu soubesse... »

« Patrãozinho, eu sei dizer que o negro me sacudiu para cima como um touro bravo sacode uma garrocha. Mas eu via que, se o largasse, estava morto, e arrochei os braços.

— « Chega, Paschoal ! » gritei.

— « Eu quero manobrar de fóra. Animo ! Segura bem que nós amarramos o negro. »

« Que tirada de tempo ! O negro, ás vezes, abaixava a cabeça, dando de pôpa, e minhas pernas dançavam no ar, tocando quasi o tecto do rancho. Lutámos, lutámos, até que Paschoal poudo metter um tolete de páu entre as canellas do Pedro, de modo que elle cambaleou e cahiu de bruços. Nós dous pulámos em riba delle. Eu, triumpante, gritava : « Conheceu, crioulo ? Negro é homem ? » Elle era teimoso, porque dizia ainda : « Nem dez de vocês, meninos ! Ah ! se eu soubesse... »

« Paschoal trazia á bandoleira um embornal para carregar peixe e veio dentro delle escondida uma corda de sedenho, cumprida e forte.

« O Barqueiro estava no chão; e foi preciso ainda fazermos bonito para amarral-o.

« Agora, puxe na frente, seu negro! » — gritou-lhe o Paschoal.

« Havíamos juntado os braços delle nas costas e apertámos com vontade. Ficou completamente tolhido.

« Eu ia segurando a ponta do sedenho e levava o negro na frente. Mesmo assim, houve uma hora em que elle me deu um tombo, arrancando de repente a correr. Por seguro, a corda estava-me enrolada na mão e eu não a larguei. Nesse instante, Paschoal tinha corrido atraz delle e lhe descarregado na nuca um tremendo murro, que o fez bambear um pouco e me deu tempo de endurecer o corpo e segurar firme a corda.

« O Barqueiro, depois que sahiu do rancho, não piou.

« Chegámos á casa de tarde e o negro ia no sedenho.

— « Eu não disse, » gritava o patrão muito contente, « que só bastavam esses dous

meninos para o Barqueiro? Está ahí o negro.»

« E o povo corria para ver, e a frente da casa do patrão estava estivada de gente.

« Recebemos os duzentos mil réis.

« Tinha-me esquecido de contar-lhe que eu fizera uma promessa á Senhora da Abbadia, de levar-lhe ao altar uma vela, se voltasse são e salvo. Cumpri a promessa no dia seguinte e arranjei uma festinha para a noite. Queria um pé para estar com a Emilia.

« Comprei um trancelim de ouro para aquella rôxa de meus peccados e um chale azul. Ella era esquivada. Fez muito momo nessa noite, e não me quiz dar nem uma boquinha, com o devido respeito ao patrãozinho.

« Sahí da casa de José Mendes, onde dei a festa, quando os gallos estavam amiuando.

« A estrella d'Alva, no céu escuro, parecia uma garça lavando-se na lagôa. O orvalho das vassouras me molhou as pernas e eu estremei um bocadinho. Entrei num becco que ia sahir na rua de Traz, onde eu então morava.

« Ia meio avexado e peguei a banzar. Emilia ! Emilia do coração ! porque me amofinas com esse pouco caso ? E desandei a cantar, bem chorada, esta cantiga :

*Tá trepado no páu,
De cabeça p'ra baixo,
Com as azas cahidas
Gavião de pennacho !
Todo o mundo tem seu bem,
Só pobre de mim não tem !
Ai ! gavião de pennacho !*

« De repente, pulou um vulto deante de mim. Quem havia de ser, patrãozinho ? Era o Pedro Barqueiro em carne e osso. Tinha, não sei como, desamarrado as cordas e escapado da escolta, em cujas mãos o patrão o havia entregado.

« O ladrão do negro tinha oração até contra sedenho !

« Sem me dar tempo de nada, o Barqueiro me agarrou pela golla e me sugigou. Levantou-me no ar tres vezes, de braço teso, e gritou-me :

« Pede perdão, cabrito, desvergonhado, do que fizeste hontem, que te vou mandar para o inferno ! Pede perdão já ! »

« A gente precisa de ter um bocado de sangue nas veias, patrãozinho, e um homem é um homem! Eu não lhe disse páu nem pedra. Vi que morria, criei animo e disse commigo que o negro não me havia de pôr o pé no pescoço.

« Exigiu-me elle, ainda muitas vezes, que lhe pedisse perdão, mas eu não respondi. Então, elle foi me levando nos braços até uma pontezinha que atravessava uma perambreira medonha. A bocca do buraco estava escura como breu e parecia uma bocca de sucuryú querendo me engulir. Suspendeu-me arriba do guarda-mão da ponte e balançou meu corpo no ar. Nessa hora, subiu-me um frio pelos pés e um como formigueiro me passeou pela regueira das costas até á nuca; mas minha bocca ficou fechada. Então, o Barqueiro, levantando-me de novo, me pousou no chão, onde eu bati firme.

« O dia estava querendo clarear. O negro olhou para mim muito tempo, depois disse:

— Vai-te embora, cabritinho, tu és o unico homem que tenho encontrado nesta vida!

« Eu olhei para elle, pasmado.

« Aquelle pedaço de crioulo cresceu-me deante dos olhos, e vi — não sei se era o dia que vinha raiando — mas eu vi uma luz esturdia na cabeça de Pedro.

« Desempenado, robusto, grande, de braço estendido, me pareceu, mal comparando, o Archanjo São Miguel sugigando o Maligno. Até claro elle ficou nessa hora !

« Tirei o chapéo e fui andando de costas, olhando sempre para elle.

« Veiu-me uma cousa na garganta e penso que me ia faltando o ar.

« Insensivelmente, estendi a mão. As lagrimas me saltaram dos olhos, e foi chorando que eu disse :

— Louvado seja Christo, tio Pedro!

« Quando cahi em mim, elle tinha desaparecido. »



BIBLIOTHECA LAEMMERT



Volumes publicados:

VARIAS HISTORIAS, por Machado de Assis.

Um volume brochado..... 4\$000

Um dito, ricamente encadernado... 6\$000

INNOCENCIA.— Romance, pelo Visconde de Taunay. Quarta edição, corrigida.

Um volume brochado..... 4\$000

Um dito, ricamente encadernado... 6\$000

No prélo:

O MISSIONARIO, por Inglez de Souza.



JK

MAR 23 1918

ED 473 273 1



